

Stadium

O intenso labor da linha atacante do Sporting provocou uma exibição primorosa do guardaredeas Capelo. Remates e mais remates sportinguistas — tudo em vão! Na fase que publicamos, Vasques já não chega a tempo. Gomes está vigilante. E o Belenense venceu o Sporting, nas Salésias, por 2-0.



N.º 210

11 DE DEZEMBRO DE 1946

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

O Porto isolado à cabeça

O encontro das Salésias caracterizou-se por formidável energia!

De um modo geral todos os concorrentes afirmam possibilidades e mostram-se perigosos!

Crónica de TAVARES DA SILVA



A cadeia de jornadas que constitui a Primeira Divisão do Campeonato Nacional, o domingo número três desempenhou um excelente papel

— distribuindo os *goals*, mas principalmente os pontos, de modo a manter cada vez mais vivo e palpitante o interesse do torneio.

Verificaram-se os seguintes resultados:

Belenenses..	2	—	Sporting....	0
Atlético....	4	—	Académica..	0
Porto.....	2	—	Estoril....	1
Vitória G...	2	—	Benfica....	5
Olhanense..	1	—	Boavista....	0
Sanjoanense	1	—	Vitória S...	4
Famalicao...	5	—	Elvas.....	3

Como consequência — houve dança na Tabela! O Porto ficou isolado à cabeça da Prova. Sporting desceu do primeiro para o terceiro posto. Vitória de Setúbal subiu ao segundo lugar. O Olhanense deu um pulo, formando ao lado dos leões. Três equipas, Belenenses — Vitória G. — Atlético, estão agrupadas na casa dos três pontos. A posição do Belenenses e do Atlético melhorou sensivelmente.

Temos, deste modo, o Mapa com duas grandes subdivisões precisamente iguais em número, sete de cada lado. No grupo mais pobre há seis clubes com dois pontos: Académica, Elvas, Estoril, Boavista, Benfica e Famalicao. Não se julgue, porém, — cair-se-ia em erro — que qualquer destes *teams* (o Benfica faz parte do lote) tenha o mesmo nível e idênticas possibilidades. Mesmo porque a Académica tem um desafio a menos. Vem por fim, na cauda, o estreante de S. João da Madeira, que, desta forma, paga o seu tributo.

A jornada número três forneceu boa média de *association*. Apesar do mau tempo, praticou-se futebol de boa qualidade em vários terrenos. Nas Salésias, por exemplo, no desafio de maior importância, a partida honrou o Campeonato. Em Guimarães também houve rasgos e futebol de brilho. Na Tapadinha, no estádio do Lima e em Famalicao disputaram-se partidas muito animadas, com interesse e luta, de parte a parte, ainda que com vantagem de uma das composições. Talvez com o Olhão e S. João da Madeira se tenham disputado os jogos mais fracos, ou de futebol do nível mais baixo.

Há a salientar que, apesar de todas as equipas adoptarem hoje

as táticas modernas do jogo, e, por consequência, de os jogadores se terem de subordinar a planos e a determinado jogo de posição, tal não destruiu a energia, a coragem e o espirito de luta que eram características do jogo português. Esta verificação parecemos de grande relevo, por se ter chegado a temer muito legitimamente a destruição de aquelas qualidades.

Outro ponto a focar, e nunca nos parece demais o falar-se de campos de relva, é a dificuldade que as equipas acostumadas ao terreno duro manifestaram na relva das Salésias e da Tapadinha, molhada e escorregadia. Lembrando-nos que os desafios internacionais se disputam tocos

45903

é o novo número de telefone da Revista STADIUM

45903

na relva, não se nos afigura pomenor a deitar fora. Os clubes lisboetas e portuenses deviam treinar, de quando em vez, na relva, o que não lhes seria difícil — até porque o campo de treinos do Estádio Nacional se apresenta magnífico.

A classificação geral está ordenada do seguinte modo:

Porto, 3 jogos, 3 vitórias, 7-3 em bolas, 6 pontos; Vitória de Setúbal, 3 jogos, 2 vitórias e 1 empate, 8-3, 5 pontos; Sporting, 3 jogos, 2 vitórias e 1 derrota, 18-9, 4 pontos; Olhanense, 3 jogos, 2 vitórias e 1 derrota, 6-4, 4 pontos; Belenenses, 3 jogos, 1 vitória, 1 empate e 1 derrota, 3-3, 3 pontos; Vitória de Guimarães, 3 jogos, 1 vitória, 1 empate e 1 derrota, 5-7, 3 pontos; Atlético, 3 jogos, 1 vitória, 1 empate e 1 derrota, 7-10, 3 pontos; Académica, 2 jogos, 1 vitória e uma derrota, 4-6, 2 pontos; Elvas, 3 jogos, 1 vitória e 2 derrotas, 12-9, 2 pontos; Estoril, 3 jogos, 1 vitória e 2 derrotas, 8-7, 2 bolas; Boavista, 3 jogos, 1 vitória e 2 derrotas, 3-4, 2 pontos; Benfica, 3 jogos, 1 vitória e 2 derrotas, 10-11, 2 pontos; Famalicao, 3 jogos, 1 vitória e 2 derrotas, 12-16, 2 pontos; Sanjoanense, 2 jogos, 2 derrotas, 1-12 em bolas, 0 pontos.

No próximo domingo, em virtude da efectivação do Lisboa-Paris, haverá uma pausa na Primeira Divisão. Disputa-se apenas o Sanjoanense-Académica, em atraso.

O duelo de táticas nas Salésias



ERDOA-SE tudo aos jogadores, até o mau jogo, quando eles se sacrificam de modo a chegar ao fim exaustos. Não se pode exigir do homem

mais do que a sua medida, e bem está quando ele a fornece, generosamente.

Nas Salésias entou-se um hino de energia, no dizer expressivo de um antigo dirigente e nosso amigo. Belenenses e Sporting deram tudo, e nas múltiplas cambiantes que a partida ofereceu.

O Belenenses jogou mais do que o Sporting, fomos a escrever um pouco mais, na primeira metade. Conservando intacto o seu sistema defensivo, que, aliás, funcionou admiravelmente durante todo o encontro, manteve-se na ofensiva com galhardia — e logo que obteve a primeira bola não hesitou: era a altura de atacar com impetuosidade. Assim foi construída a vitória!

O Sporting passou por várias fases de diferente colorido: do equilíbrio para o período em que foi dominado; e depois, na segunda parte, para dominador integral.

Esse segundo tempo exprime-se na imagem de *ataque permanente dos leões* e defesa cerrada dos azuis. Porque a defesa levou a melhor, não devemos concluir que todos os remates foram mal lançados. Há dias em que não se sabe porque não toma a bola o caminho das redes...

Há a destacar no Belenenses os seguintes jogadores: Capela, um portento, com magnífica visão e agilidade que advém de um treino aturado; Feliciano, merecendo o defesa novato uma boa palavra; Serafim, um médio extraordinariamente útil; Quaresma, o avançado de melhor inspiração; e Rafael, pelo perigo que representaram as suas intervenções.

Nos vencidos, anotem-se: a segurança de Cardoso; a força de vontade de Veríssimo; e o perigo manifesto das intervenções dos extremos servidos em boas condições pelos interiores.

Belenenses — Capela, Moura, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Coelho, Elói, Armando, Quaresma e Rafael.

Sporting — Reis, Cardoso, Mar-

ques, Canário, Barrosa, Veríssimo! Jesus Correia, Vasques, Peyroteo! Travassos e Albano.

Arbitro — Carlos Canuto, de Lisboa.

A estreia da Académica em Lisboa



EM dúvida, é difícil julgar um *team* numa só tarde, especialmente quando ele se encontra ainda em fase de renovação. Precisamente — diz-

ziam-nos outro dia um director da Académica — o futuro da Académica surge límpido e de cores alegres — pela quantidade de jogadores. Não há entre dois *teams* de capas negras uma diferença sensível: os rapazes da reserva poderão subir ao grupo de honra com relativa facilidade. Eis uma coisa importante.

Os acadêmicos não fizeram um bom resultado em Lisboa, mas deixaram na Tapadinha uma impressão razoável; o seu jogo melhorou, do começo para o fim, sinal certo de fundo de equipa. Atlético, seu adversário, realizou uma exibição enérgica, com escassez, todavia, de triangulações de conjunto. O *goal* de entrada deu-lhe alento para o resto.

Entretanto — é curioso anotar-se! — apesar das quatro bolas de vantagem, que a defesa lisboeta deu melhor impressão das suas faculdades. Nisso está, em certa faceta, o melhor elogio da Académica. Mas prova também que os atléticos são capazes de suportar duros transes.

Distinguiram-se no Atlético: Correia, um guarda-redes de visão; Baptista, defesa sólido; José Lopes, médio científico; e os avançados Armando e Marques, condutores do jogo.

Na Académica: Mário Reis, com oportunas intervenções; Eduardo Santos, muito habilidoso; Bentes; extraordinário de rapidez; Micael e Leite.

Atlético — Correia, Baptista, José Manuel, Franco, José Lopes, Morais, Osear, Armando, Barbosa, Gregório e Marques.

Académica — Jacques, António Maria, Brás, Lomba, Mário Reis, Eduardo Santos, Micael, Azeredo, Garção, Leite e Bentes.

Arbitro — Aureliano Fernandes, de Setúbal.

Também se ganha no último instante!



EFINIR jogos de futebol é muito difícil, especialmente quando essa caracterização se tenha de fazer sob depoimentos e não de *visu*. Cada um põe no que diz,

observa e escreve um pouco do seu temperamento e da sua maneira de ver. Do Lima projecta-se, no entanto, a verdade indiscutível de que o *team* do Estoril se comportou como *gente grande*. Deu luta em todos os momentos e golpes, e não só isso impôs também, por

vezes, o seu jogo de ataque — conservando-se firme na defesa.

O Estoril jogou com tão grande atenção que o seu adversário deu por vezes a impressão de saber menos do que na realidade sabe: as jogadas do Porto saíram francamente mal. Entretanto, a equipa portuense merece o respeito dos seus adeptos — por essa mesma razão. Isto é, por ter lutado contra a adversidade, buscando o triunfo com o *clan* que só sentem os *teams* de profundidade.

Tendo-se passado sem bolas até o intervalo, o Porto conseguiu marcar um tento para em seguida consentir o empate no decair da partida. Ordinariamente, onze em semelhante situação — está batido. Pois bem! O Porto concentrou todas as suas energias, e, perto do último apito, Correia Dias, o rematador, fez ascender o seu clube à cabeça da classificação geral. É de anotar a forma, pode dizer-se brilhante!, como o Estoril lutou e defendeu-se, não arrancando pelo menos um ponto do Estádio do Lima, por infortúnio.

Destacaram-se no Porto: Correia Dias, um perigo terrível; Lourenço, rápido e oportuno; Joaquim, o médio mais em evidência; e Barrigana, com a execução primorosa de várias defesas. No Estoril brilharam dois elementos, acima da média do conjunto: António Nunes, perfeito na passagem e de bom socorro à defesa; e Lourenço, o avançado mais perigoso.

Porto — Barrigana, Alfredo, Guilher, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Sanfins e Catolino.

Estoril — Sebastião, Pereira, Elói, Oliveira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Osvaldo e Lima.

Árbitro — José Teixeira, de Braga.

O Benfica venceu em Guimarães, naturalmente!



A primeira vitória do Benfica tinha fatalmente de chegar! Os clubes como este sabem reagir no momento azado, e imprimir um novo rumo à sua vida. O triunfo

em Guimarães deve fazer bem à equipa. Precisamente por não ser fácil vencer no campo da Amorosa um *team* de maior capacidade do que no ano passado.

O Benfica introduziu alterações no seu conjunto: entrou Martins, o dispositivo da defesa tomou um novo aspecto, Vitor Baptista passou para o centro e a chave da linha ofensiva modificou-se.

É cedo ainda para nos pronunciarmos sobre a excelência das modificações, tendo em vista a facilidade com que o Benfica venceu. O *team* aplicou-se a fundo, a bem dizer, numa terça parte da partida. Limitando-se no fundo a vencer — que era o importante.

O onze de Guimarães deu-se à luta com o maior entusiasmo, não se limitando à defesa, mas atacando com extraordinária energia. Joaquim Teixeira aplicou-se em termos de valorizar a sua acção cem por cento. Outro *team* que não o Benfica talvez tivesse baqueado. Mas este mostrou-se só-

lido na defesa e perigoso no ataque. Teve, além disso, a fortuna de resolver o problema em poucos minutos e a meio do primeiro tempo. Com três bolas nas garras — quem poderia ferir a água?

Toda a defesa do Vitória não esteve à altura, destacando-se apenas, e no ataque, Alcino e Teixeira. Sobre o Benfica parece-nos lícito salientar a maior segurança da defesa, o brilho de Francisco Ferreira e de Moreira na linha média, e o trabalho, limpo e útil, de Rogério, tendo Vitor Baptista satisfeito.

Vitória de Guimarães — Machado, Curado, José da Luz, Luciano, Garcia, Dias, Alexandre, Rebelo, Miguel, Teixeira e Alcino.

Benfica — Martins, Jacinto, Teixeira, Moreira, Francisco Ferreira, Félix, Espírito Santo, Melão, Vitor Baptista, Júlio e Rogério.

Árbitro — Domingos Miranda, do Porto.

O Boavista perdeu em Olhão! Perdeu bem...



Olhanense acusa uma certa crise! A sua linha dianteira enferma, não tem o fulgor da época passada, e todo o *team* se ressentido do facto. Só assim se justifica que o grupo não se tenha imposto, desde o primeiro momento, ao seu adversário.

Tenha-se em conta, no entanto, que o Boavista não foi, nem de longe, um vencido. O onze portuense creditou-se até de períodos fulgurantes do jogo, em que a sua máquina forneceu pleno rendimento.

Os portuenses defenderam-se com muita atenção. Os de Olhão só conseguiram marcar uma bola,

em passe cruzado de Moreira a Gomes, a meio da primeira parte, e ficaram-se por aí. Isto não significa que os algarvios não tivessem jogado ao ataque. Não é essa a ideia que desejamos dar. A verdade é que os olhanenses dominaram de um modo geral, faltando-lhes apenas poder de transformação das suas ofensivas. Também esse mal, de resto, se verificou no adversário.

No Olhanense salientou-se Abraão, notável em vários lances por alto; e Soares, um jogador que vem afirmando-se. No Boavista há margem para evidenciar o defesa Silva, o médio Raimundo e o avançado-centro Caiado.

Olhanense — Abraão, Rodrigues, Nunes, Acácio, Grazina, Loulé, Moreira, Soares, Eminência, Salvador e Gomes.

Boavista — Mota, Pereira, Silva, Raimundo, Teixeira, Ramos, Zeca, Serafim, Caiado II, Caiado I e Barros.

Árbitro — Abel Ferreira, de Lisboa.

O Sanjoanense sofre a mudança de jogo...



MA equipa como o Sanjoanense está a sofrer as consequências da mudança de jogo. Tudo decerto lhe deve parecer diferente, e aos seus jogadores:

desde o público e a intensidade das suas reacções, à própria bola e ao processo do futebol.

O Sanjoanense sofreu a primeira derrota no seu campo. Mas, vamos lá, a derrota foi honrosa — apesar dos números indicarem uma expressão de futebol que não está em correspondência com o que se passou no terreno.

O desafio teve duas caras, como tantas vezes sucede, e quantas ocasiões inexplicavelmente! No primeiro tempo, vigorosamente, os sanjoanenses lançaram-se ao ataque, e apesar dos *extremos* não terem sido bem lançados, e isso inferre-se dos *interiores* sofrerem a sensação de reterem demasiadamente a bola, obrigaram a defesa setubalense a empregar-se a fundo. Nesse período, a felicidade do remate poderia ter dado outro rumo à partida. Mas assim não o quis a sorte do jogo.

Enquanto que, por outro lado, os setubalenses aproveitaram magnificamente as chamadas oportunidades. *Team* de boa condição física, rápido e voluntarioso, não lhe foi difícil, na segunda parte, dominar, impondo a sua maior consciência nos lances, saber e experiência. Lógicamente — venceu o melhor grupo no terreno enlameado de S. João da Madeira.

Sanjoanense — Barbosa, Salvador, Costa, Santa Clara, Baptista, Quintino, Pardal, Rocha, David, Azevedo e Arlindo.

Vitória de Setúbal — Baptista, Montez, Figueiredo, Pereira, Pina, Pacheco, Passos, Nunes, Cardoso Pereira, Rendas e Borges.

Árbitro — Lima de Sá, do Porto.

Famalicão afirma-se equipa de perigo!



A equipas em que sentimos possibilidades! Eis o caso do Famalicão, estreante de energia e com capacidade técnica já revelada. O Famalicão

caiu a fundo sobre o seu adversário, imprimindo ao futebol em campo uma faceta predominantemente ofensiva. No decorrer de todo o primeiro tempo, o Sport Lisboa e Elvas quase não teve tempo para atacar — tão preocupado estava na defesa das suas redes. Seja lícito, entretanto, salientar o apuro e a firmeza denotados pelos elvenses — que nunca viraram a cara!

Com três bolas de vantagem a seu favor no começo da segunda parte, tendo colaborado em quase todas o guarda-redes Semedo, também com acentuada culpa dos defesas — o Famalicão julgou que o caminho que era obrigado a trilhar estava coberto de rosas.

Cedo se convenceu do contrário. A reacção do Elvas, e a tradução prática do seu domínio territorial, obrigaram os homens de Famalicão a terem a consciência das realidades. Os elvenses chegaram a 3-2, e isto diz o que foi a luta.

Por desfortuna dos elvenses, o empate, que esteve à vista — não chegou. A balança inclinou-se para o lado contrário e o problema ficou resolvido. Com justiça — acrescentaremos.

Famalicão — Garção, Climaco, Cerqueira, Armando, Szabo, Ferrão, Mendes, Dias, Alvaro Pereira, Tellechea e Sampaio.

S. L. e Elvas — Semedo, Rana, Neves, Rebelo, Toninho, Oliveira, Carronda, Massano, Patalino, Aleixo e Rosário.

Árbitro — Fonseca Gonçalves, do Porto.

O CAMPEONATO DE JUNIORES DA A. F. L.

teve começo promissor de equilíbrio de forças

A Associação de Futebol de Lisboa deu, no último domingo, começo ao seu 11.º Campeonato de Juniores — uma competição cuja utilidade é desnecessário salientar, tão evidentes são os benéficos resultados que dela podem advir para o futebol nacional.

A prova estava a ser aguardada com apreciável interesse e a assistência que ocorreu a presenciar os encontros demonstrou-o claramente — embora atraída mais pela curiosidade de conhecer os novos jogadores do que pelas lutas, todas elas verdadeiras incógnitas.

A primeira jornada da competição revelou a desistência do Parede e a impossibilidade do Paço de Arcos regularizar a tempo e horas a situação dos seus jogadores. Assim, ficaram redadizados a dez os encontros da primeira «ronda» — facto que não pôde deixar de empanar o brilho da jornada.

A primeira «saída» das equipas permitia a ideia de equilíbrio de valores, pois só um resultado reflecte acentuado desequilíbrio de forças. Mas, este mesmo, tem justificação: a equipa vencida não pôde reunir mais de oito joga-

dores e o grupo vencedor foi o Sporting — detentor dos títulos de campeão de Lisboa e Portugal. A marca fixou-se em 12-0 e isso diz tudo...

Dos cinco clubes que inscreveram duas equipas só três tiveram no domingo, em acção, 22 jogadores. O novel Oriental salientou-se, pois foi o único que logrou duas vitórias e por sinal sobre dois clubes que no último campeonato chegaram à fase final da prova. A vitória sobre os «encarnados», sobretudo, pode ter sido preciosa para a classificação. Mas a exibição das duas equipas necessita de confirmação...

O Futebol Benfica e o G. D. Operário, cuja actuação em 1945-46, apenas, valeu pelo espírito desportivo com que foram encarados sucessivos desaires, alcançaram resultados que podem considerar-se esperanças.

O Mirantense e o Estrela Amadora — dois estreantes — não deram má conta de si. Mas o mesmo não se poderá dizer dos «azuis», mormente da sua equipa A.

D. D.

AS "3 GRAÇAS" EM PATINS...



IMAGENS

DO

ESTRANGEIRO



Um torneio de patinação sobre gelo em Wembley — Ao lado, da esquerda para a direita, vêm-se a australiana Pat Moloney, de 20 anos; a londrina Marion Davies, de 18; e a norueguesa Merell Hennie, de 21, prima do ultrafamoso patinador Sonja Hennie. Em baixo, a patinadora Marion Davies revela um singular virtuosismo nesta extraordinária imagem de pleno vol!

O campeão negro regressa ao lar... — Joe Louis, que tinha ido a Honolulu para uma exibição de boxe, regressou apressadamente a Chicago para festejar em família o «Dia de Acção de Graças», uma das grandes comemorações americanas. Vemo-lo, ajudando a sua filha, Jacqueline, de 3 anos e meio, a trinchar o tradicional peru...



A competição anual do Jogo da Parede — Eis um jogo que faz parte das tradicionais comemorações do Dia de Santo André, no célebre colégio de Elton! Este ano, a competição transformou-se numa verdadeira batalha no lemo.



MOCIDADE PORTUGUESA

Um ano mais que começa...

A Organização Nacional Mocidade Portuguesa entra no seu décimo ano de laboriosa existência. Criado em Setembro de 1936, o patriótico organismo exerceu, incontestavelmente, na última década, profunda e proveitosa modificação na vida da juventude portuguesa. A difusão da ginástica, mormente nos camadas escolares, quer por meio dos centros de instrução geral quer através dos núcleos especializados de educação física, deve-se-lhe em grande parte. E, além da ginástica, alguns desportos — modalidades a que a Mocidade Portuguesa veio insuflar vida, incremento verdadeiramente notável.

Está nesse número o voleibol — a modalidade que conta maior número de praticantes dentro da «M. P.».

Aos desportos náuticos cabe, sem favor, em lugar de honra. A náutica, especialidade das mais belas, das mais salutares, via reatada a tradição perdida por largos anos de desinteresse e de carência de recursos.

O remo, a vela. Sobretudo a vela. É ver-se esse Tejo polvilhado de drosas embarcações, símbolos de uma tradição que está no sangue e na alma da nossa gente. A vela, modalidade que a «M. P.» trouxe para o primeiro plano do desporto português, e onde se attingiu, presentemente, notável classe internacional.

E a esgrima? — É outro desporto já enraizado nos nossos jovens, e cuja expansão aumenta dia a dia. Falar da esgrima dentro da «M. P.», mesmo em jeito de breve apontamento, é recordar implicitamente a bela vitória alcançada, em 1942, pela equipa da Mocidade Portuguesa — constituída exclusivamente por elementos preparados nas suas salas — sobre os fortes componentes da *Jeunesse Française* num encontro às três armas, em que a superioridade lusitana se afirmou nitida e insofismável.

Vem isto afinal a propósito da recente inauguração das actividades da patriótica organização, após o período de férias. Um ano mais — o décimo primeiro — que irá continuar, por certo, com dignidade e brilhantismo, a obra encetada há dez anos, e cujos resultados, por demais expressivos, muito nos agrada pôr em relevo.



Em pleno mar, a alegria e a concentração da juventude revela-se com nitidez. Ser moço e desportista — eis uma força!

A actividade começa, pois, — multiforme, batendo todos os teclas, correspondendo, afinal, aos mais variados anseios da juventude portuguesa. Basta passar em relance pelo trabalho já iniciado neste dealbar de mais um ano lectivo.

O centro especializado de remo, que funciona aos sábados, na doca de Santo Amaro, está em plena laboração, com apreciável frequência de filiados. O de vela, claro, nada lhe fica a dever. E o primeiro grapo — cinquenta rapazes — iniciou já os seus trabalhos, tendo prestado provas de natação e iniciado a instrução teórica.

Como é natural, o futebol goza de muita popularidade dentro da Organização. Compreensível, pois, o entusiasmo com que está sendo aguardado o torneio deste ano, e ao qual concorrem vinte e quatro equipas, representando centros escolares e extra-escolares. Aliás, o campeonato de futebol da Ala 2 tem já tradições dentro da «M. P.». O entusiasmo, o apego à luta, a vivacidade de que os jovens jogadores fazem rodear a competição. Impremem-lhe características próprias que são, afinal, a razão de ser do seu êxito. E o deste ano não irá por certo fugir à regra.

Mas nenhuma das outras modalidades é esquecida. O atletismo, ministrado na Casa da Mocidade, nos estádios do Lumiar e das Salésias; o ténis, nos liceus de Camões e de Pedro Nunes; o tiro, na Casa da Mocidade e no Ateneu Comercial de Lisboa.

A obra da Mocidade Portuguesa continua, pois, a desenvolver-se e a prosperar, essente em bases sólidas, norteada, como na primeira hora, pelos mesmos elevados princípios. E na altura em que enceta mais um ano de trabalho, saudamo-la tal como merece.

Abreu Torres



Airosa e de linhas elegantes, eis como este barco sulca as águas do Tejo

Iniciamos hoje a publicação de uma série de notas biográficas dos nossos grandes concurrentes, daqueles que mais fortemente têm contribuído para que se mantenham as gloriosas tradições do hipismo nacional — tradições estas que se afirmaram em época já distante.

Por esta nova secção irão passar os nomes mais refulgentes do nosso hipismo, fazendo-o no entanto sem que nos preocupe seguir qualquer ordem, nem de valores, nem de antiguidade, nem de postos, visto que todos os quais todos são oficiais do Exército.

Os nossos cavaleiros internacionais serão apresentados aos leitores sem que isso obedeça a qualquer ideia que não seja a de reunir os seus dados biográficos.

Assim surge o primeiro — o Marquês do Funchal, que várias vezes tomou parte em equipas nacionais e que foi cavaleiro olímpico em 1936.

O major Domingos de Sousa Coutinho (Marquês do Funchal) é dos nossos mais antigos concurrentes em actividade, tomando parte em concursos hípicas há trinta anos, bonita conta em qualquer modalidade desportiva e que bem revela espírito de persistência e de força de vontade.

Para um concursista, tal persistência denota sem dúvida muito

OS NOSSOS GRANDES CAVALEIROS INTERNACIONAIS

I — Marquês do Funchal

trabalho na preparação e treino das suas montadas, sem o que não poderiam obter-se triunfos tão meritórios. De facto, as vitórias em Concursos Hípicos são sempre dependentes do grau de ensino dos cavalos, das qualidades dos cavaleiros e do entendimento de ambos que permita a harmonia do conjunto.

Durante a longa vida desportiva do Marquês do Funchal, iniciada em 1916, o ilustre concursista obteve uma lista de triunfos que atestam o seu valor, uns conseguidos em Portugal, outros além fronteiras, em representação da cavalaria nacional.

Entre estes últimos devem citar-se os que conseguiu na «Copa da Cavalaria Espanhola» (Madrid 1932) e no «Prémio da Duquesa de Aosta» (Nice 1936), montando respectivamente «Capucho» e «Merle Blanc».

Contribuiu para as vitórias da equipa portuguesa na Taça de Ouro da Península em 1933 e 1940, ambas conquistadas em Madrid.

Fez parte repetidas vezes da nossa equipa internacional deslo-

cando-se a Madrid, Nice, Roma, Bruxelas e Berlim. Nesta última cidade, em 1936, fez parte, juntamente com os capitães Mena e Silva e José Beltrão, da nossa equipa olímpica, que se classificou brilhantemente em 3.º lugar, entre dezto nações, num percurso fortíssimo pelo conjunto impressionante dos obstáculos apresentados.

O major Marquês do Funchal, vencedor do «Grande Prémio de Lisboa» em 1933 e do «Grande Prémio do Porto» em 1931, conseguiu um bom número de vitórias, pelo que possui numerosos troféus, os últimos dos quais foram conquistados há pouco tempo em Cascais — «Taça General Carmo» e «Lourenço Casal Ribeiros».

No seu longo período de actuação, durante o qual também disputou corridas de «steeple chases», «cross countrys» e campeonatos do cavalo de guerra, o major Marquês do Funchal montou variados cavalos entre os quais é justo destacarmos o «Capucho», o «Alívio», o «Merle Blanc» e o «Biscuit», com



MARQUÊS DO FUNCHAL

os quais abteve os melhores louros. Domingos de Sousa Coutinho, nome da velha-guarda, está ainda em actividade, praticando o desporto hípico com verdadeiro entusiasmo.

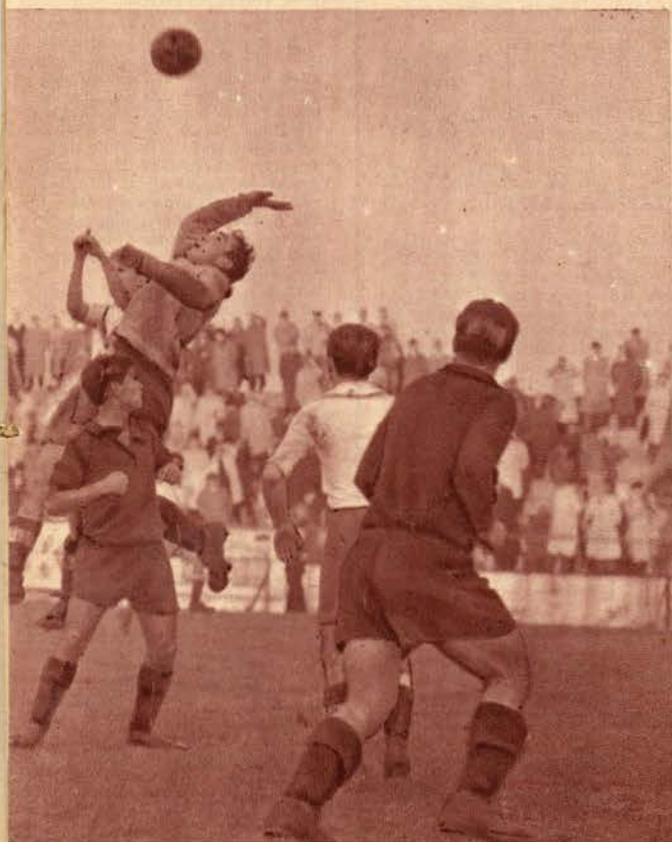
A sua já longa carreira desportiva ainda não parou. Prossegue activamente.

Antas Teixeira

ATLÉTICO
Venceu
ACADÉMICA
deixou
BOA IMPRESSÃO



Jacques, o guardarede da Académica, não esteve inactivo! Teve de se livrar várias vezes do impeto do adversário. Esta jogada, vendo-se, Barbosa em frente das ballas, dá a impressão de goal! Quem sabe!



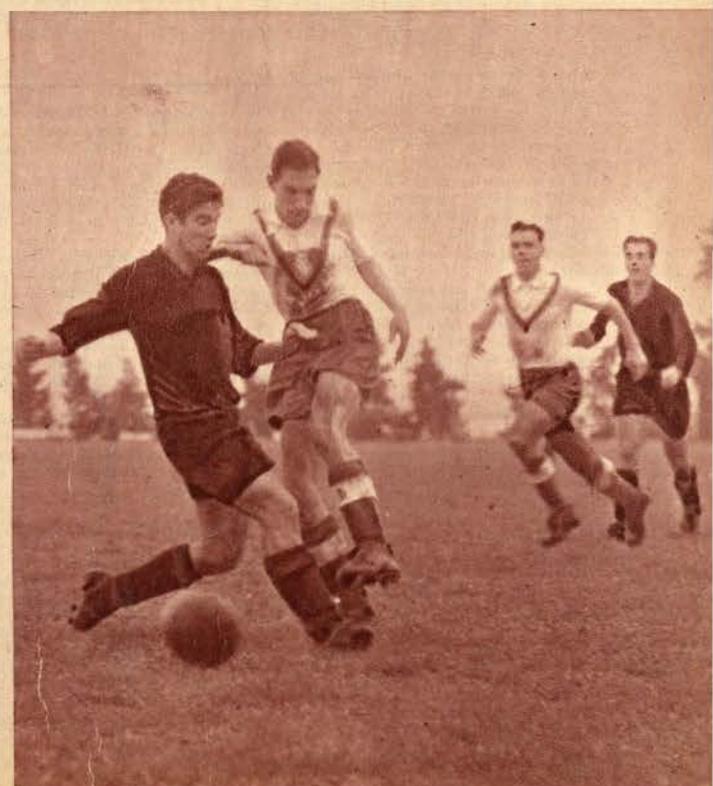
Na Tapadinha jogou-se com entusiasmo, de lado a lado. Cada team bateu-se com energia. Esta imagem próximo das redes de Coimbra reflecte a força de vontade dos que atacavam e dos que defendiam!



Protegido por um dos seus defesas, o guardarede bioca com segurança!



Bentes, o internacional da Académica, destacou-se pelas suas manobras rápidas! Foi-lo numa carga a Correla, sob a rigi-



Um estudante corta um avanço atlético, enquanto Mário Reis viola Gregório!

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

FUTEBOL

EM ITALIA

Foi uma indiscutível vitória para as cores italianas o desafio realizado em Milão, entre as equipas da Austria e da Itália, que findou com a vitória da *squadra azzura* por 3 bolas a 2.

A procura de bilhetes deu origem a uma especulação tremenda e em três dias os setenta mil lugares estavam vendidos, negociando-se no mercado negro a preços fabulosos.

Os italianos dominaram sempre e mantiveram-se vitoriosos desde a marcação do primeiro tento, da autoria de Nazzola. Os austríacos conseguiram o empate, mas, no fim da primeira parte, a Itália ganhava por 2-1.

Na segunda metade do desafio, os italianos marcaram novamente e antes do apito final a Austria conseguiu novo ponto.

A vitória italiana podia ter sido mais expressiva, pois os postes e a barra devolveram alguns tiros de Piola, célebre avançado-centro.

EM INGLATERRA

Depois da primeira eliminação para a conquista da Taça de Inglaterra — a famosa F. A. Cup — só um punhado de pequenos clubes conseguiu sair indemne. O mais feliz foi *Barnet*, vencedor de *Sutton United* (3-0), e o mais coriário *Poole Town*, que empatou com *Queens Park Rangers* (2-2) e deve enfrentá-lo de novo.

Gillingham, *Lancaster*, *South Liverpool* e *Merthyr Tydfil* são os únicos clubes que não pertencem à Liga e continuam na brecha.

Entretanto, prossegue o campeonato das Divisões. Na 2.ª houve uma surpresa formidável: a derrota do vanguardista, *Newcastle United*, pelo *Luton* (4-3), depois do primeiro acabar a primeira parte com 3 tentos a zero. Foi, certamente, a maior façanha da temporada.

Agora estão lado a lado, apenas separados pelo balanço de tentos, o *Newcastle*, o *Birmingham*, *Tottenham* e *Burley*, com 22 pontos, seguidos pelo *Manchester City* e *Chesterfield* (21). A luta para o primeiro lugar vai ser áspera ou já o é, melhor dizendo...

Na 1.ª Divisão, *Blackpool* ganhou a *Liverpool* (3-2), graças ao bom trabalho de Harry Johnston, nova estrela inglesa do futebol. Por sua vez, o *Derby County*, apesar das dissidências que se registam nas suas fileiras, conquistou um triunfo rotundo so-

NOTA

Em muitos cérebros narcisistas a glória de mandar e a cobiça da vaidade produzem, bastantes vezes, distorções de raciocínio que conduzem à asneira.

DA

A Associação de Boxe da Rodésia (África do Sul) acaba de se encher de ridículo proibindo aos pugilistas seus filiados o uso de bigode e de barbas durante os combates.

SEMANA

Portanto, quem de futuro pretender subir a um «ring» rodésiano, terá de sujeitar-se a esta nova exigência, tão caricata como despótica. Saudosos ornamentos pilosos e patriarcais que os últimos boxadores a punho nu, do século

dezanove, ostentavam com orgulho! Fostes banidos, escorraçados de uma vez para sempre, sob pretexto de constituídes a segunda linha defensiva dos queixos, amortecedora dos golpes contrários!

É incontestável que o aspecto fisionómico de um pugilista barbado poderá reduzir a zero a beleza estética do combate, chocar a sensibilidade do público ou atemorizar o antagonista. Mas, sendo raríssimos (como são...) os jogadores de soco que usam no queixo e no lábio superior abundantes camadas de pelos, custa a crer na necessidade de regulamentar este assunto.

Portanto, na Rodésia, os árbitros da «Nobre Arte» deverão subir ao «ring», futuramente, munidos de tesoura e navalha e prontos a escanhoar os dissidentes e os relutantes.

Quando a ideia alastrar até à Europa, então o caso fia mais fino, porque nalguns países onde os federativos tresleem será imposto o corte de cabelo à escovinha.

Teremos assim, para os barbeiros, uma nova zona de acção, imprevisita e rendosa.

Pergunta a nossa curiosidade (e, por certo, também a do leitor...) se não haverá vantagem em estender a exigência sobre a ablação dos pelos aos próprios dirigentes da modalidade.

Sim, porque surgem de vez em quando magníficos exemplares ornamentados com «matacões» que é um louvar a Deus.

R. B.

bre o *Chelsea* (3-1), mostrando aquela forma do ano passado, tão glorificada. Depois de sete semanas sem vitórias, esta levanto o moral da equipa. Carter e Stamp, que substituiu Doherty, magoado, foram os artífices principais do sucesso.

Arsenal empatou com *Bolton Wanderers* (2-2), *Wolverhampton* bateu *Manchester United* (3-2) e *Charlton* perdeu com *Portsmouth* (3-0).

A cabeça vão, agora, *Liverpool* e *Wolverton* (23 pontos), seguidos de *Blackpool* (23) e *Manchester U.* (21).

Um dos clubes mais azarados da temporada tem sido o *Fulham*, que possui dez jogadores lesionados, seis dos quais pertencem ao primeiro team.

A Primeira Divisão de Espanha

Realizou-se no passado domingo, com interesse, mais uma jornada da Primeira Divisão, com os seguintes resultados:

Corunha 1-Celta 4; Sevilha 4-Sabadell 0; Barcelona 4-Gijon 1; Valência 4-Madrid 1; Aviação 3-

HIPISMO

Os franceses preparam-se com tempo

Prosseguindo na campanha de conquista dos principais prémios do *turf* britânico, os criadores de cavalos franceses preparam-se para ganhar o famoso «Grande Nacional» de 1947.

Trata-se de *Fabiano*, excelente equidito de 7 anos, que venceu neste Outono dois importantes *steplechases* em Auteuil: o Prémio Montgomery e o *la Haye Jous-selin*.

-Castellon 3; Oviedo 4-Espanhol 1; Múrcia 2-Bilbau 4.

A classificação é a seguinte: 1.º Aviação 17 pontos; 2.º Madrid, Barcelona e Valência 15; 3.º Sevilha 14; 4.º Atlético de Bilbau 13; 5.º Oviedo e Celta 12; 6.º Sabadell 11; 7.º Gijon, Corunha e Espanhol 10; 8.º Múrcia 8; e 9.º Castellon 6 pontos.

EM ESPANHA

O velho pugilista *Inácio Ara* derrotou facilmente por pontos a *Eloy*, no Frontão Fiesta Alegre de Madrid.

Os dois assaltos iniciais foram magníficos e o oitavo pode classificar-se de bom, mas, do terceiro ao sétimo, a luta careceu de interesse.

A vitória do ex-campeão dos «médios» não podia ter sido mais clara.

No mesmo programa, *Mariano Hita* pôs fora de combate ao adversário, *Zaragoza*, no 3.º assalto, e *Alamo*, nosso conhecido, ganhou a *Molina*, por pontos.

EM INGLATERRA

Enquanto duram os preparativos para o desafio entre *Bruce Woodcock* e o sueco *Anderson*, a 17 do corrente, em substituição do anunciado combate que o campeão de Inglaterra dos «pesados» devia disputar com o italiano *Bertolo Júlio Spagnolo* na referida data, realizou-se no *Royal Albert Hall* uma sessão nocturna, participando *Al Phillips* e *Cliff Curvis*, dois «semi-leves», para selecção do próximo adversário de *Nel Tarleton*, titular da referida categoria.

Phillips tomou o adversário ao 2.º round, mercê de violentos e agressivos ataques.

Na mesma noite e lugar, o novo campeão da Grã-Bretanha dos «médios», *Vince Hawkins*, ganhou ao antigo adversário de *Cerdan*, *Joe Brun*, francês, por pontos, em 10 assaltos, causando fraca impressão.

NA AMÉRICA

O *match* mais importante da semana travou-se em *Filadélfia*, sendo adversários o temível socador *Wesley Mouzon* e o pretendente ao título mundial *Bob Montgomery*, que se intitula detentor do mesmo.

A cotação favorecia *Mouzon*, que há pouco mais de dois meses adormecera o preto ao segundo assalto, mas agora invertem-se os papéis. A luta foi áspera, acudindo-se ambos com violência, até que, no oitavo round, *Montgomery* pôs fora de combate o seu rival.

Em *Oklahoma*, o chileno *Artur Godoy*, peso pesado, foi declarado vencedor de *Tex Bodie*, no fim de um encontro banal. Com esta, totalizou catorze vitórias consecutivas nos quinze desafios que disputou desde o início da nova campanha pelos Estados- Unidos.

Ano V — II Série — N.º 120
Lisboa, 11 de Dezembro de 1946

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Expresso, Cidadão João Gonçalves, 19. 3.º
Telefone, 51145 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

REOGRAVURA UNITADA
LISBOA, LIMITADA

Stadium

UMA ANEDOTA

No campo das Salésias, durante o jogo Belenenses-F. C. do Porto, salientou-se em aplausos ao clube porluense um assistente que denunciava, nas suas falas, ser cidadão britânico, embora sem hostilizar a língua portuguesa.

A certa altura garantiu a existência de um «corner» contra o Belenenses. Um outro assistente, mal disposto, porque o campeão nacional perdia por 2-0, gritou encorajadoramente:

— O Senhor não percebe nada de futebol!

O desportista inglês, que há 30 anos vive em Portugal, sorriu. Tratava-se de Norman Hall, um dos grandes mestres da bola no F. C. do Porto e antigo campeão de Portugal...

Há resposta para tudo...

P. 450 — É impossível que Tavares da Silva não tenha dado já pelo extremo-esquerdo do Vitória de Guimarães, que é um caso sério de jogador. Porque não o seleccionará? Ou só os jogadores da capital é que merecem essa distinção? (De um furioso pelo Vitória).

R. 450 — Lembra-se que há um extremo-esquerdo que se chama Rogério, e está dito tudo. Logo a seguir outro que se chama Bentes, e ainda outro que se chama Albano. O seleccionador tem demonstrado precisamente que nem só os jogadores da Capital merecem essa distinção.

P. 451 — Quem ganhar o Campeonato Nacional receberá a Taça Nacional ou uma miniatura? (De J. M. P. C., um leão de Abravizes.).

R. 451 — O Regulamento do Campeonato Nacional dispõe o seguinte no que se refere a prémios, no seu art.º 38: «Uma taça (sempre igual) para os clubes vencedores da 1.ª e 2.ª Divisões e de modelo diferente para cada uma destas. Medalhas de prata para os 28 jogadores dos dois grupos campeões de cada Divisão, que tiverem alinhado em maior número de jogos, num máximo de 14 por cada grupo.

P. 452 — Qual é o nome completo do defesa Guilhar, do Porto? (Um tripeiro que vive longe do Porto).

R. 452 — Chama-se Vitor Augusto da Veiga Guilhar.

NOTA — Mais uma vez afirmamos o nosso propósito de só respondermos a uma pergunta de cada vez, e apenas sobre assuntos de futebol. Muitas das questões que nós são postas já foram por nós elucidadas; portanto, não as teremos em consideração.

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

A Selecção de Lisboa CONTA-GOTAS apresenta-se no Estádio Nacional no domingo contra a de Paris

Não é forçar a nota afirmar-se que a época internacional começará no próximo domingo. Veremos, no Estádio Nacional, Lisboa contra Paris. A Federação Portuguesa, num sentido amplo, não só favoreceu o jogo como tornou possível um treino melódico, semana a semana, por parte dos lisboetas. A última sessão realizou-se na passada quarta-feira, tendo sido apurados dezasseis jogadores. Conservam-se estes concentrados, para manter e desenvolver o espírito de camaradagem e escutar as lições teóricas, num hotel, em Sintra, onde jantam e repousam — fazendo, no entanto, a sua vida normal.

Sporting — Azevedo, Cardoso, J. Correia, Vasques, Peyroleo, Travassos e Albano.

Belenenses — Capelo, Vasco, Feliciano, Amaro, Serafim e Quaresma. Benfica — Francisco Ferreira, Moreira e Rogério. Junto da equipa estão os srs. Gustavo Teixeira, do Conselho Técnico da A. F. L.; Augusto Silva, treinador; e Manuel Marques, massagista.

Pelos alinhamentos feitos nas sessões de treino, e pelas declarações de Gustavo Teixeira, sabe-se que o team já está organizado — havendo apenas uma pequena dúvida. Na defesa, leremos Azevedo, já restabelecido, Cardoso e Feliciano. No ataque: os quatro do Sporting, Jesus Correia, Vasques, Peyroleo e Travassos; e Rogério, do Benfica. A linha média sairá faticamente dos quatro nomes indicados, e tanto poderá ser Amaro — F. Ferreira — Serafim, como Moreira — F. Ferreira — Serafim.

Do que não há dúvida é de que esta linha, modeladamente organizada (veja-se que, em qualquer das formações médias apresentadas, cada elemento jogará de mesma maneira no seu clube, isto é, com igual função), representará a verdadeira força lisboeta — muito próxima da nacional. O team dará batelha: ligado, sólido, sabedor e enérgico.

A Liga Parisiense, agrupando os mais importantes clubes da França, também traz até nós a sua melhor representação, escolhida e preparada pelo próprio Seleccionador Nacional, Gaston Barreau, que conhece a fundo o futebol português.

A selecção parisiense que se desloca a Lisboa é constituída por quinze jogadores: Crosland, Mindonet, Nuevo, Bersoulé, Pons, Gregoire, Scolary, Luciano, Mandaluniz, Morell, Vaast, Ben Barek, Vesinjan, Proust e Pironi. O grupo chega na sexta-feira, às 16 horas, de avião, e alguns jogadores já são conhecidos do público português.

O desafio do próximo domingo, que abre na presente temporada as portas do Estádio Nacional, vai ser uma dura prova para o nosso futebol. Mas a partida pode e deve encerrar-se confiadamente, na consciência lúcida do que sabemos e do que somos capazes.

Um treinador inglês em Lisboa

Há tempos falou-se na vinda de um treinador inglês para a Associação Académica, por intermédio da Embaixada britânica e a pedido da Direcção Geral dos Desportos.

Pois aí está o sr. Pream! Mas sucede que a Académica já tem o contrato fechado com um treinador húngaro.

Trata-se, ao que parece, de uma pessoa competente, que se manteve na actividade até há pouco tempo. Por esse motivo, a Direcção Geral estuda a melhor maneira de utilizar a sua competência, valorizando o jogo.

O futebol português atravessa uma época fulgurante, e todos os cuidados para manter o seu prestígio, e aumentá-lo até, são poucos. Há muitas equipas precisadas de um treinador à altura. A dificuldade está só na escolha.

CORRE QUE...

Os sócios do Sporting estão a corresponder ao apelo clubista. A subscrição pro-campo eleva-se já a uma cifra elevada. Há doações importantes.

Foi oferecido um jantar de despedida ao director do Sporting, sr. Correia César, que segue brevemente para a América com o fim de estudar o problema das instalações desportivas.

Ribeiro dos Reis vai amparar, com a sua competência, o grupo de honra do Benfica.

O Benfica já não jogará em Barcelona no próximo dia 1 de Janeiro, como chegou a estar previsto. Os jornais espanhóis dão esta notícia.

A polémica entre os órgãos do Benfica e Belenenses,

sobre orientação geral do futebol, tem sido vivamente apreciada.

O jogador Bentes, da Académica, não prejudicará os seus estudos (anda actualmente no 7.º ano) por causa do futebol.

O nosso camarada Tavares da Silva recomeçou uma colaboração intensa no grande diário madrilenho «Marca».

O trabalho de Caiado, no Boavista, passa em geral desapercibido. Quando o rapaz vem a Lisboa, dá nas vistas.

Nos desafios internacionais que se disputam em Portugal serão utilizadas bolas portuguesas, cujo fabrico rivaliza com o que ha de melhor no estrangeiro.



O caminho de todos os avançados-centro está sempre tapado pelos defesas, e em geral por aquele que joga no meio do terreno! Veja-se a forma correcta como Feliciano quebra o impeto de Peyroteo. Ao lado, Moura e Amaro seguem atentamente o esplêndido golpe do seu companheiro de equipa



Capela segura a bola por alto, um jogadas em que é verdadeiramente exímio! Os sportingistas atacam com vigor, mas — verdade seja! — o keeper do Belenenses também está bem protegido



A vitória do BELLENENSES

O estilo de um avançado, vigoroso, enérgico e decidido! A luta das Salésias teve aspectos de grandeza. Capela sai e eleva-se com ligeireza e segurança



Serafim em acção! Ao lado Gomes... A tua média do Belenenses constituiu o fulcro da vitória...



Fernando Peyroteo, tendo passado Gomes, dirige-se com energia a caminho das redes belenenses, levando consigo na mesma linha de combate o interior Travassos. O rematador leonino encontrará na sua frente Moura e Amaro — e não passará vitorioso!



Na primeira parte, junto das balizas leoninas travou-se luta renhida! Elol tenta passar a bola a um dos seus companheiros... Veja-se a marcação defensiva por parte dos elementos da defesa do Sporting



A SELECÇÃO DE LISBOA CONTRA PARIS

A época internacional abrirá no próximo domingo, no Estádio Nacional, com um encontro de futebol do mais alto interesse, o Lisboa-Paris.

A composição parisiense, reunindo o melhor que há na Liga de Paris, opõe a Associação de Lisboa um forte e sólido grupo, verificando-se a estreita neste género de desafios de vários elementos novos. Pode dizer-se que, ao saber dos sectores defenstivos, se ligou um ataque fresco e ousado. Veremos o que sai desta liga.

Como ainda não está fixado o alinhamento dos médios publicamos, nesta galeria dos efectivos, a fotografia de doze elementos, incluindo quatro médios. E confitemos.



SERAFIM DAS NEVES
Nasceu a 29 de Agosto de 1920, em Lisboa. Jogou desde 1939-40 pelo Belenense. Adaptado à tática moderna do futebol, representa sempre uma utilidade, e um valor a médio esquerdo



JESUS CORREIA
Nasceu a 3 de Abril de 1924, em Paço de Arcos. Jogou no Paço de Arcos, e este ano transferiu-se para o Sporting. Interior esquerdo, vivo e dinâmico, com um remate potente e colocado



JOSÉ TRAVASSOS
Nasceu a 22 de Fevereiro de 1926, em Lisboa. Jogou três épocas na CUF de Lisboa, e este ano transferiu-se para o Sporting. Interior esquerdo, vivo e dinâmico, com um remate potente e colocado



FERNANDO PEYROTEO
Nasceu a 10 de Março de 1918, em Humnata (Huila). De 1935 a 37 jogou no Sporting de Luanda, e logo no Sporting Clube de Portugal. O melhor rematador português



MANUEL VASQUES
Nasceu a 29 de Junho de 1926, no Barreiro. Começou a jogar em 1938, na CUF do Barreiro, e depois de três épocas passou este ano para o Sporting. É um interior direito fino e hábil que se vai sair com excelentes qualidades



ROGÉRIO DE CARVALHO
Nasceu a 7 de Setembro de 1922, em Lisboa. Jogou três épocas no Belenense, e em 1942-43 passou para o Benfica. Extremo esquerdo de excepcionais qualidades

Comentários

Mais um congresso

O ano que se aproxima, festivo para a cidade de Lisboa, vai trazer até nós, em série, acontecimentos internacionais desportivos da mais alta categoria, mostrando bem o prestígio de que Portugal goza presentemente no conceito dos organismos estrangeiros.

Serão os campeonatos mundiais de hóquei sobre patins de rodas e de esgrima, a visita das equipas representativas de futebol da Inglaterra e da Suécia; sabemos que outro grande projecto está em vias de realização, podendo mesmo considerar-se quase como um facto assente em definitivo: a reunião do congresso da Federação Internacional de Ginástica Ling, cuja iniciativa se deve aos esforços do sr. tenente-coronel Leal de Oliveira, representante daquele organismo no nosso país.

O assunto mereceu o justo apoio dos poderes oficiais e está sendo cuidadosamente estudado, mas oferece, quanto a nós, um determinado aspecto um tanto paradoxal: que organismo vai representar Portugal no congresso, visto não existir a federação competente?

Volla assim ao plano de actualidade um problema que já nem sendo debatido há bastante tempo, sem conseguir solução satisfatória. Pensou-se que a realização do congresso dos clubes de ginástica teria como lógica consequência ser fundada a federação: mas o congresso parece que esbarrou em não sabemos quais dificuldades ou resistências e parece questão perdida.

Será possível levar por diante a ideia? Haverá antes a necessidade de impor, por iniciativa de quem superintenda, a criação da federação de ginástica? Far-se-á o congresso apenas com uma representação individual portuguesa?

Esta última hipótese é, de todas, a menos aconselhável de aceitar, mas, para êxito de qualquer das outras, é urgente tomar decisões.

O congresso da F. I. G. L., celebrando-se em Lisboa, com a visita de classes estrangeiras e de numerosos técnicos e professores, traz, para nós, pesadas responsabilidades, pois devemos apresentar nas melhores condições quanto, no capítulo da ginástica educativa, se faz no país, e que é muito e bom.

A oportunidade é excelente. Que seja aproveitada ao máximo, será o voto de todos quanto se interessam pela vida e pelo progresso da educação física portuguesa.

E mais um campeonato

A Federação Internacional de Esgrima decidiu, no seu recente congresso, organizar em Portugal os próximos campeonatos do Mundo, marcados para 1947. Tal decisão é altamente honrosa para o nosso país, mas cria grandes responsabilidades à Federação nacional, que assumiu determinados compromissos e fica implicitamente incumbida de garantir as condições técnicas e materiais para a realização dos campeonatos, além de preparar condignamente a recepção aos seus ilustres hóspedes.

Para estabelecimento do plano de trabalho, tanto na propaganda e organização dos torneios, como na preparação das equipas portuguesas, os dirigentes da Federação e o delegado ao congresso de Bruxelas conferenciaram há dias com o sr. Director Geral de Desportos, a quem o assunto está merecendo a máxima atenção.

É muito provável que, antes dos campeonatos, os esgrimistas portugueses defrontem algumas equipas estrangeiras, das quais a primeira seria a espanhola, para o que se estabeleceram já em princípio acordos ainda não oficiais para a disputa de dois matches nas três armas, em Janeiro próximo, o primeiro em Lisboa e o segundo, quinze dias depois, em Madrid.

Se considerarmos as gloriosas tradições da esgrima portuguesa, talvez o desporto em que temos alcançado melhores êxitos internacionais, devemos rejubilarmos por semelhante acréscimo de actividade em provas de tamanha vulto.

Mas não basta ficar contente, e esperar que os acontecimentos sobrevenham; vão ser necessários porfiados e pesados esforços para alcançar os objectivos e, mais ainda, para exercer, junto do público, teimosa campanha de propaganda, a fim de assegurar às sessões dos campeonatos de esgrima uma assistência condigna, aquela que infelizmente nunca encontramos nas competições nacionais, que em regra decorrem em família.

Problemas do futebol

I — Defesa ou médio-centro?

O problema é dos mais aliciantes para os estudiosos do jogo e foi posto praticamente ao nosso futebol por Scopelli, quando o Argentino esteve no Belenenses.

Defesa ou médio-centro — o jogador que marca o avançado centro?

Prete-se deste modo saber com clareza se esse jogador deverá possuir as características de um verdadeiro defesa ou de um médio-centro — e não se ele deve ser designado de uma ou outra maneira, o que por agora não importa.

Sabe-se que o actual dispositivo das equipas durante o jogo é geral, quer dizer, utilizado por todos os *teams* — por imposição da lei do «fora do jogo». (Não será com certeza uma boa equipa a que o não utiliza).

A concepção não foi, portanto, um capricho ou uma fantasia. Resultou de um imperativo: a modificação da lei do «fora do jogo».

A questão — defesa ou médio-centro? — continua, porém, a ter toda a actualidade no futebol português — porque não foi ainda completamente resolvida.

Mais do que médios-centros parece-nos que nas equipas nacionais se tem chamado a desempenhar as funções de elemento ao qual compete a marcação do avançado-centro, jogadores que são, sobretudo, defesas.

Que o sistema, sob o ponto de vista estritamente defensivo, está a ser muito bem executado — não temos dúvidas.

Todavia, quanto ao aspecto ofensivo, ele não funciona totalmente bem. Por deficiência do próprio sistema? Não.

Simplesmente — por culpa dos jogadores.

O defesa não desapareceu. Pelo contrário. Continua a ser indispensável, se não até mais necessário.

Deve possuir todas as características do antigo defesa — o jogador que presentemente marca o extremo.

Estes têm, por força das circunstâncias, de ser jogadores velocíssimos, para assim poderem tirar partido da posição em que a nova táctica do jogo os situa.

Um extremo não dispõe hoje nem do espaço nem da liberdade que encontrava antigamente. Vive muito mais afastado de qualquer companheiro do que então.

A presença constante do defesa, dispondo de muito mais tempo e terreno para julgar os lances que lhe cabe interceptar, obriga o extremo a ser o tal jogador velocíssimo.

Para vigiar o extremo, logicamente se requer, pois, um jogador dotado das condições de rapidez que caracterizava os antigos defesas.

A estes, por consequência, se tem de exigir que sejam prontos nas intercepções e nos despachos.

E porque da posição a que os obriga o dispositivo não resultam tantos solavancos na «suavidade», que não pode deixar de haver em futebol bem jogado — por isso se lhes pede, antes de mais nada, rapidez.

A estes jogadores não se lhes pode talvez exigir a grande concepção do jogo que deve possuir o «médio-centro».

Ora o médio-centro não desapareceu do futebol — se bem que pareça assim algumas vezes...

Quando muito, o médio-centro foi compelido a adoptar uma posição mais recuada.

Mas porque ele continua a ter todo o campo à sua frente e agora até mais do que nunca — o médio-centro não pode nem poderá ser jamais somente um defesa.

Este terá de continuar a ser um elemento lã ou mais preocupado com o jogo de ataque do que qualquer outro.

É certo que a concepção do jogo do actual médio-centro difere do médio que outrora se fazia ladear pelos outros dois (o direito e o esquerdo).

Não difere, no entanto, profundamente.

A sua acção depende essencialmente do sentido de desmarcação dos restantes homens da sua equipa, numa palavra, da percepção prévia e imediata do lance, por parte dos seus companheiros.

Inegavelmente que se tornou mais difícil, por ser mais complexa, a acção do médio-centro, que precisa hoje de ser, em suma, tanto um defensor como um iniciador de contra-ataques e muitas vezes até um coordenador desses mesmos lances.

Ora os nossos médios-centros continuam muito mais a desfazer jogadas e a aliviar o perigo do que a entregar a bola — e nisto, possivelmente, pesa um pouco a questão que acima dissemos pouco importar, relativa à designação do seu lugar.

Insiste-se em chamar-lhe defesa-direito ou defesa-esquerdo, e talvez que este erro tenha influência na própria actuação desse mesmo jogador.

É fácil observar, porém, que uma equipa contra-ataca tanto melhor quanto mais certa for a noção do lugar que tiver o médio-centro, ou, melhor, o homem a quem cabe a marcação do avançado-centro.

O jogador tipo acabado do médio-centro moderno, que até agora mais nos impressionou, foi o da «Raf».

É verdade que em frente de Franklin estava um Patterson e um Soo e ainda diante destes dois interiores chamados Brown e Dougal...

Evidentemente que o assunto não ficou esgotado, mas apenas enunciado. Desenvolvê-lo-emos em outro artigo.

Adriano Peixoto

Stadium

Mais uma «experiência» sobre a maneira como se joga pelo Mundo...

A selecção de Copenhague, no seu primeiro jogo contra o último classificado da 1.ª Liga, não impressionou tanto como os suecos do Norrköping

Os comentários da imprensa ao jogo e ao resultado que a Inglaterra obteve contra a Holanda, ao qual já fizemos referência, afinam quase pelo mesmo critério da nossa última crónica. A Inglaterra começa a dominar em classe, e também a interessar-se pelos jogos contra equipas de país, com certa atenção, pelo menos com um cuidado que nos faz acreditar no seu propósito de não cair em sérios desastres.

No entanto, embora com encargo de comentar uma vitória expressiva, todos os técnicos se referem mais elogiosamente ainda ao famoso trabalho de Lawton e de Carter. De facto, nada mais justo. Os dois admiráveis internacionais Ingleses comportaram-se de um modo que impressionou a assistência, e até os mais profanos fizeram uso da sua gaita ou do seu assobio para lhe vitórias os remates com força de canhão.

O avançado centro do Chelsea rodeou-se em Inglaterra de um prestígio que derrotou Alex James, Baslin ou Hapgood. Mas... já contra o Derby County, a honra de brilhar a extraordinária altura foi Interlinha para Carter, que teve pela frente o célebre sulço Steffen. Carter e Lawton completam-se. O duelo Carter-Lawton, mesmo, torna-se parecido com aquele que sustentam Finney-Matthews, e adivinha-se bem porquê. Simplesmente, nem Carter nem Lawton se prejudicam na equipa de Inglaterra e da Grã-Bretanha.

Voltando à sua acção no recente encontro internacional contra a Holanda, dizemos que ambos foram capazes de jogar como artistas de primeiro plano. E quando rematavam... era estrago certo junto das balizas holandesas. Houve quem delirasse com o seu trabalho; pelo nossa parte resolvemos

aplaudir à maneira portuguesa: — dando palmas...

Claro que o expressivo triunfo Inglês não apareceu apenas devido à divina graça dos dois esplendidos profissionais. Todo o conjunto se pôde impor com exuberância, e se em lugar da Holanda estivesse outro país mais forte em futebol, — ganhariam na mesma.

Vamos ver como jogam os dinamarqueses...

A Dinamarca julga-se mais forte que a Suécia. Assim uma espécie de País de Gales-Escócia-Irlanda... Inglaterra. Pois cá os temos, depois da sua rival, ou, melhor dizendo, depois do Norrköping. O conjunto dinamarquês apresenta-se com o título de selecção de Copenhague, e foi seu primeiro adversário o conjunto do Huddersfield, que, embora pertença à 1.ª Liga, seguiu até ao jogo na ceuda da classificação, colado ao histórico Arsenal de Londres.

O leitor já pensou um pouco nesta circunstância? Os Ingleses verificarão de perto se o grupo de Copenhague vale de facto tanto como os conjuntos russo, sueco e checo, e decerto tomam assim contacto com a classe actual dos seus adversários dinamarqueses. Tudo é feito com inteligência e ponderação, atributos sempre ilhados à gente da Grã-Bretanha,

onde o futebol tem uma disciplina e um desenvolvimento notáveis.

A subida do Wolverhampton

Já num dos comentários anteriores dissemos que o Wolverhampton, ainda nessa altura relativamente aldrado na classificação, se afirmava de jogo para jogo. Podemos confirmá-lo hoje sem qualquer dúvida. Esta bela equipa ameaça multíssimo bem o Liverpool, que se entregou ao Blackpool, clube onde Matthews treina algumas vezes, perdendo por isso dois pontos preciosos, com aproveitamento para o Wolves. O Blackpool, por sua vez, tem legítimas aspirações, ganhando o Campeonato britânico com isso.

A distância entre o Arsenal e os clubes da vanguarda é que elemento cada vez mais os adeptos do clube londrino. O Arsenal procurou reforços para fugir aos últimos lugares e, em boa verdade, pelo menos no papel, a sua parilha defensiva, com Scott em evidência, parece capaz de parar as investidas contrárias.

Julgamos, em nosso parecer, que é muito tarde para o milagre. Há muitos clubes na disposição de fugir aos últimos lugares, e o Huddersfield, Leeds United, Derby County, que venceu o Chelsea de Tommy Lawton, Portsmouth e Everton têm cabedal para se opor aos arsenalistas.

Um golpe de vista pela 2.ª Liga

O leitor não fez ideia do que vale a 2.ª Liga Inglesa. Se percorrer a lista dos clubes, encontrará, entre outros, valores como o Birmingham, Newcastle, Tottenham, Manchester City — que se batem ruidosamente com o Manchester United, Chesterfield e outros, muito capazes de se comportar braviosamente na luta seja contra que agrupamento for, dentro ou fora da Inglaterra.

Avale-se por aqui a natural perturbação dos últimos classificados da 1.ª Liga. Os valores da Divisão

secundária podem subir e representar o futebol da Inglaterra sem recelo, e não se esqueça nunca a sua «boa figura» contra equipas estrangeiras.

Temos visto alguns dos seus jogos. Pode garantir-se que os clubes da 2.ª Liga nem de perto nem de longe se igualam, em valor, aos agrupamentos portugueses de idêntica categoria.

Talvez se possa concluir que...

...o futebol dinamarquês não vale o da Suécia. Pelo menos, através do trabalho desenvolvido pelo Norrköping e pela selecção de Copenhague, que apenas conseguiu empalar 2-2 com o Huddersfield, companheiro do Arsenal nos últimos lugares da 1.ª Liga Inglesa.

A selecção de Copenhague pôde na verdade evidenciar alguns jogadores, jovens e com promessa de bom futuro, mas exibiu-se em estilo demasiadamente «académico». O Huddersfield, será bom lembrar, não está por agora à altura de competir com os mais afamados grupos Ingleses, um dos quais, como já dissemos, cada vez se afirma mais: o Wolverhampton. Vem a talhe de joice dizer que o admirável grupo derrotou no sábado, no seu próprio campo, o Liverpool. Por 5-1! Ora o Liverpool era seu colega na classificação, e esta derrota, seguindo a que sofreu contra o Blackpool, deixa o caminho mais livre ao «Wolves». Os nossos prognósticos de há várias semanas estão confirmados.

Veremos ainda o trabalho do grupo de Copenhague contra o Sheffield e o Wednesday. Seja como for, podemos afirmar e nosso opinião: — os dinamarqueses, e despeito do que se dizia e se escreveu, não devem destronar o prestígio deixado pelos suecos do Norrköping.

E mais uma vez afirmamos, como há semanas: a Inglaterra sabe o que quer em futebol. Calculada e cuidadosamente, vai sendo como se joga pelo Mundo... F. M.

BASQUETEBOL

O Benfica na vanguarda

A primeira vitória do Sporting no torneio, contra o Lisgás, por 51-45, teve para os leões uma virtude: — a de relegar para o último posto o conjunto adversário. Logo, os sportinguistas com 7 pontos e os do Lisgás com menos um fecharam a classificação geral no fim da última semana. Ainda com o mesmo «número» do Sporting, está classificado o velho Carnide, agrupamento que tem uma vida inteira dedicada ao basquetebol.

Mais bem classificado que estes três concorrentes encontramos o Algés, com 10 pontos. E com 11 — o Belenenses e os cufistas, estes por via de um empate (33-33) imposto pelos rapazes da zona Dafundo, impossibilitados de acompanhar mais de perto o Atlético e o Benfica.

Teve por isto a última jornada certo mérito, alvorçando a classificação e fazendo acreditar que o campeonato agrada de princípio ao fim. Ontem deveriam ter jogado as equipas do Benfica contra o Lisgás, do Belenenses contra o Atlético e do Sporting contra o Algés, não nos sendo possível uma referência aos resultados.

Mas talvez se hajam dado algumas reviravoltas...

O Benfica, na vanguarda do torneio, com 15 pontos, mais 2 que o Atlético, parece firme e capaz de ganhar o título. O Atlético, por sua vez, tem aspirações — como o Belenenses... E o próprio Sporting, se dominar o Algés, foge deliberadamente dos últimos lugares, o que muito deve interessar-lhe.

Mas não falemos do que poderá ter-se passado ontem. Digamos simplesmente que até à 5.ª jornada, embora separados os grupos em 3 blocos (o Benfica e o Atlético, o Belenenses, «Cuf» e Algés, e o Carnide, Sporting e Lisgás), conseguiu o torneio regional ganhar a consideração do público, sempre numeroso e entusiasta.

O facto do Benfica se haver comportado bem, ainda sem derrotas ou empates, é um aliciente. Faltam ainda muitos jogos, e como o campeonato classifica os primeiros 4 para o Nacional da 1.ª Divisão, veremos em jornadas futuras o mesmo ânimo e os mesmos desejos de valorizar o torneio: — por parte dos concorrentes e dos seus admiradores.

Gente Nova no FUTEBOL PORTUGUÊS

A equipa de Lisboa, que no próximo domingo defrontará a de Paris, num jogo a todos os títulos sensacional, pode considerar-se formada. Dela fazem parte alguns jogadores jovens, quase revelados na presente época — como Travassos Vasques, os dois já famosos interiores do Sporting. Como novos, são também Jesus Correia e Rogério, precisamente os tremos da selecção.

O «team» da A. F. L. não andará longe, tudo o indica, do «conze» nacional. Talvez tenha apenas a modificação — aliás por toda esperada. A de Vasques por aujo, o brilhante avançado do C. Porto, que no desafio com o Belenenses mostrou a sua classe.

A percentagem de novos nos grupos é animadora. Diz-nos e pode confiar-se no futuro do futebol português, aureolado — porque não o dizer? — por uma série de bons resultados na sua companhia internacional de 1946.

Encendo a França e a Irlanda impatando com a equipa da R. F., os portugueses chamaram a atenção para as atenções da própria imprensa estrangeira. E manda a verdade que se diga: para esses resultados muito contribuíram os novos...

O futuro do nosso futebol apresenta-se desanuviado. Se em alguns lugares, aliás de responsabilidade, os jovens não abundam os quase veteranos dão ainda

leis, em muitos outros, felizmente, caminha-se com toda a segurança para completa e eficaz renovação. Pode e deve afirmar-se: o futebol lusitano está no bom caminho.

Deu-se já um grande passo para a desejada renovação dos quadros dos principais clubes. Referimo-nos aos campeonatos de juniores, e de época para época mais animados, com mais concorrentes, alguns apresentando rapazes dotados de excepcional habilidade — que não tardarão a revelar-se completamente...

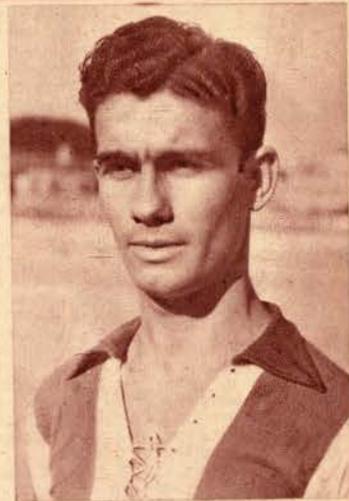
Um relance sobre as equipas que disputam o actual campeonato nacional da 1.ª Divisão oferece-nos panorama animador. Há muita gente nova no nosso futebol. Eis uma verdade que todos devemos reconhecer.

Poucas vezes uma linha dianteira da selecção portuguesa terá sido constituída por tantos novos. Quer na equipa da capital, quer na equipa do país, só encontramos, entre os prováveis seleccionados, um jogador que já não é positivamente um jovem — Fernando Peyroteo. Que, no entanto, não é ainda um... «velho». Longe disso! Mas que juventude, que mocidade em Jesus Correia, em Vasques ou Araujo, em Travassos, em Rogério ou Albano!

O futebol português para os jogos internacionais, está em boas «mãos» — ou melhor em... *bons pés!* Nos catorze clubes da «grande prova» encontramos elevado número de jovens. E não andaremos muito longe da verdade colocando



Jesus Correia



Araujo

À frente da lista um Vasques, que tem 19 anos, e um Travassos, que tem 20... Ao lado deles, no juvenil ataque dos «leões», vemos ainda Jesus Correia (que se prepara para imitar o antigo belenense Severo Tiago e ser internacional em duas modalidades) e Albano! No Benfica, Rogério e Vitor Baptista, Jacinto e Mário Rui — afastado por motivos militares — formam um quarteto de jovens habilidosos, de quem os «encarnados» algo podem esperar para a sua desejada recuperação.

Depois, no Belenenses, deparamos com Capela e Vasco, Andrade e Palma Soeiro, ambos ainda longe das suas verdadeiras possibilidades.

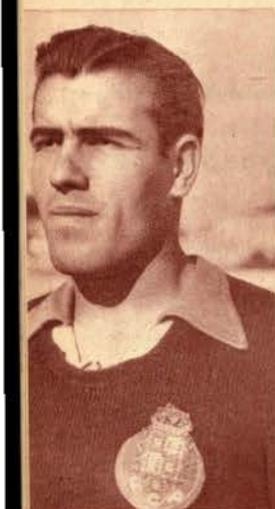
Vendo o esperançoso F. C. Porto encontramos o maior número de jovens: Barrigana, Joaquim, Romão, Carvalho e o Inimitável Araujo. O nosso futebol tem ainda muito a esperar da rapaziada do campeão portuense...

Deixando os «quatro grandes» do nacional não paramos de escrever nomes de jovens: Correia e Barbosa, no Atlético; Garção, Azeredo e o excelente Bentes, na Académica; Patalino, nos «encarnados» de Elvas; Camilo Pina e Passos, no Vitória de Setúbal; Cabrita e Eminência, no Olhanense; Vieira, no Estoril Praia; o internacional Calado, no Boavista; Luz, Alcino e Miguel, no Vitória de Guimarães; Climaco, no Famalicão...

O lote é numeroso. Nem todos os jogadores citados têm a mesma classe. Um Rogério, um Travassos, ou Araujo ou um Vasques não surgem por aí aos pontapés... Mas é neles que devemos confiar para que o futebol nacional encontre o seu caminho.

Uma coisa, no entanto, nos confrange: é que a estes rapazes não seja possível, todos os domingos, jogar em campos relvados...

MANUEL MOTA



Barrigana



Vitor Baptista



Calado



Travassos

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

I — A corrida de 100 metros

(Continuação)

COM a existência da nova Federação, que reúne outra vez todas as forças dispersas, começa o período contemporâneo do atletismo português.

Os primeiros campeonatos oficiais celebraram-se em 1922, em Lisboa, primeiro os regionais e depois os nacionais, ambos organizados pela Federação, visto só mais tarde ser criada a associação lisboeta. Por seu turno, o Porto seguiu as mesmas normas e os clubes praticantes fundaram a sua associação, cujos primeiros campeonatos tiveram lugar em 1924.

O atletismo nortenho, de cuja infância já falámos, teve a sua primeira manifestação activa, na nova era, em 1920, com um concurso organizado pelo Comité Olímpico no Campo da Constituição. A iniciativa não teve sequência e só dois anos depois voltaram a realizar-se provas de atletismo, por organização da revista «Sporting», na avenida das Ilhas do Palácio de Cristal.

O campeão Gentil dos Santos, convidado a participar, ganhou as corridas de 100 e 400 metros, este em dois percursos rectos de 200 metros cada, com viragem em gancho de cabelo.

Nesse ano inicial, Gentil dos Santos foi invencível na distância: vencedor no Torneio do Benfica, em 11,4 s., precedendo Mário Santos e Correia Leal; campeão de Lisboa, no mesmo tempo, seguido por Apio de Almeida e Honório Costa; campeão nacional em 10,9 s., não homologados em virtude do forte vento favorável, batendo os mesmos dois adversários, mas em ordem inversa.

Os concursos tornam-se então mais frequentes e 1923 pode considerar-se como a época de definitiva implantação do atletismo portuense.

Este deve o seu incremento à iniciativa do Clube Sportivo Nun'Alvares e, di-lo Roberto Machado, historiador do atletismo nortenho, «o Sporting Clube de Portugal, que nunca deixou de concorrer aos torneios do C. S. N. A. e de afirmar a sua superioridade, quer pelos ensinamentos que trouxe, quer pelo estímulo que criou».

Eis os vencedores de todas as corridas de 100 metros disputadas nesta temporada de 1923: Regional de Lisboa: Gentil dos Santos, 11,4 s.; Alala Monteiro e Afonso Salcedo, pela ordem. Nacional: Gentil, 11, s.; Apio de Almeida e Alala Monteiro. Escolas Secundárias: Apio de

Almeida, 11 s., não homologados por ceuse do vento favorável.

Torneio do S. L. Benfica: Karel Pott (C. S. N. A.), 11,4 s., batendo Gentil dos Santos.

Torneio do C. S. Nun'Alvares: Karel Pott, 11,2 s., Afonso Salcedo e Apio de Almeida.

Em 1924 registou-se a segunda representação olímpica portuguesa na corrida de 100 metros.

Já em 1912 enviáramos, a Estocolmo, António Stromp, que foi eliminado na 5.ª série pelo inglês d'Arcy e pelo sul-africano Povey, mas defendeu-se com galhardia, terminando terceiro entre os oito que alinham. Stromp correu também os 200 metros, e foi igualmente eliminado, na 18.ª série, pelo sueco Persson e pelo francês Scherrer.

Em Paris, correram Gentil e Karel; o primeiro, apesar de grande enervamento, terminou 3.º, entre cinco participantes na 2.ª eliminatória, precedido pelo canadiano Coaffee, em 11 s., e pelo italiano Baracine; o segundo foi último na 8.ª série, ganha pelo inglês Rangley em 11 s. Nos 200 metros apenas Gentil alinhou, na 10.ª série, que foi ganha pelo inglês Abrahams, em 22,2 s., seguido por Paddock (E. U.), Gentil, Van Kempen (Hol.) e Ordoñez (Esp.)

Não queremos, embora pudéssemos fazê-lo, indicar, pelos anos seguintes adiante, quais os vencedores de todas as corridas de 100 metros oficialmente disputadas em Portugal; isso levar-nos-ia muito longe, e contentar-nos-emos registando os factos principais.

Assim, em Outubro de 1925, realizou-se, no Estádio Metropolitano de Madrid, o primeiro Portugal-Espanha, nosso baptismo internacional, para onde fomos com atletas já em baixa de forma. A Federação seleccionou, para os 100 metros, Gentil, Salcedo e Karel.

O primeiro, que antecipadamente se sabia inutilizado por uma distensão, foi seleccionado como preito à sua classe e, como era de prever, não terminou o percurso. Salcedo foi 3.º em 11,8 s. e Karel, comprovando a baixa de forma, quinto.

Na sessão Internacional organizada pelo Comité Olímpico, o campeão nacional Guerreiro Nuno classificara-se 3.º em 11,2 s., batido pelo haitiano Theard e pelo francês Carbouney.

Em 1926, os espanhóis retribuíram-nos e visita, e José Prata de Lima, correndo os 100 metros em 11 s., conquista o campeonato ibérico, seguido por Ordoñez e Guerreiro Nuno (11,4 s.)

Em 1927, as associações concertam o primeiro encontro Inter-seleccionados de Lisboa e Porto, vencendo José Prata de Lima em 11 s.; este mesmo corredor portuense foi campeão nacional em 10,8 s., o que lhe valeu a selecção para os jogos Olímpicos de Amsterdão, sem melhor sorte do que os seus predecessores. Bagueu na eliminatória, em que terminou 4.º em cinco participantes. Nos 200 metros obteve idêntico resultado.

Os 100 metros deram ainda outro seleccionado olímpico, António Sarsfield Rodrigues, que foi em 1932 a Los Angeles, ser arredado logo na eliminatória, como era tradição portuguesa.

De então para cá os factos são recentes e mantêm-se na memória dos amadores, ou podem ser facilmente inquiridos na documentação existente. Anotemos três vitórias internacionais: a de Mário Porto no 1.º Lisboa-Barcelona, as de Tomás Paquete e Manuel Núncio nos 3.º e 4.º matches com a Espanha.

Até ao presente, foram dezasseis os corredores que baixaram dos 11 s., cuja lista de seguida se transcreve:

António Sarsfield Rodrigues (Sport C. do Porto), 10,6 s. (2-7-32); José Prata de Lima (Académico),



A mais discutida das chegadas de 100 metros em Portugal; a final dos Nacionais em 1930. Do 1.º plano para o fundo: Fernando Prata, Mário Porto e Sarsfield, todos sobre e linha

10,6 s. (16-7-33); Tomás Paquete (Benfica), 10,6 s. (14-7-46) (tem um tempo não homologável de 10,5 s.); Gentil dos Santos (Internacional), 10,8 s. (15-6-24); Mário Rodrigues Porto (Sporting), 10,8 s. (12-6-32) (tem um tempo não homologável de 10,6 s.); José Alves Carvalhosa (Sp.) (2-7-32); Fernando Prata de Lima (Ac.) (16-7-33); Joaquim Alves Pereira (Sp.), Alberto Lima Marques (Ac.), Mário da Cunha Rosa (Sp.) (os três em 25-7-37); Pedro Vasconcelos (Bf.) (4-8-40); Fernando Lourenço (Sp.) (17-8-41); Manuel Núncio (Sp.) (23-6-45) (tem um tempo não homologável de 10,7 s.); todos com 10,8 s.; Fernando Ferreira (Bf.) (14-8-38); Eugénio Eleutério (Bf.) (27-8-44) e Edgard Temagão (Ac.) (17-7-46), com 10,9 s.

São estes os nomes dos melhores homens portugueses, todos dos melhores valores em absoluto, ilustraram o atletismo nacional; se nos pedissem para indicar, de entre tantos, os que consideramos de melhor classe, já os todos conhecemos, indicáramos, não sem fortes hesitações: Gentil dos Santos, António Sarsfield, Mário Porto, Alves Pereira e José Prata.

Lista dos campeões nacionais:

1910 — Germano de Vasconcelos (Bf.), 12,6 s.
1911, 12 e 13 — António Stromp (Sp.), 12 s., 12 s. e 11,6 s.

1914 — (J. O. N.), José Salazar Carreira (Sp.), 12,2 s.

— (F. P. S. A.), Alexandre Correia Leal (C. I. F.), 11,6 s.

1915 — Boo Kulberg (C. I. F.), 11,2 s.

1922 23 e 24 — Gentil dos Santos (C. I. F.), 10,9 s., 11 s. e 10,8 s.

1925 — João Guerreiro Nuno (C. I. F.), 11,2 s.

1926, 27 e 28 — José Prata de Lima (Ac.), 11,4 s., 11,4 s. e 10,8 s.

1929 — António Sarsfield Rodrigues (Sport Porto), 11,2 s.

1930 — Mário Porto (Sp.) e Fernando Prata de Lima (Ac.), 11 s.

1931, 32 e 33 — António Sarsfield Rodrigues (Sport Porto), 11,2 s., 10,6 s. e 10,8 s.

1934, 35 e 36 — Mário Rodrigues Porto (Sport Porto), 11,2 s., 11 s. e 11 s.

1937 — Joaquim Alves Pereira (Sp.), 10,8 s.

1938 — Pinheiro da Silva (Bf.), 11,2 s.

1939 — Joaquim Alves Pereira (Sp.), 11 s.

1940 — A. Bastos Machado (Bragas), 11,2 s.

1941, 42 e 43 — Fernando Lourenço (Sp.), 10,8 s., 11,2 s. e 10,8 s.

1944 — Eugénio Eleutério (Bf.), 10,9 s.

1945 — Manuel Núncio (Sp.), 10,9 s.

1946 — Tomás Paquete (Bf.), 10,6 s.

Resumo: Sporting Clube de Portugal, 11 vitórias; Sport Clube do Porto, 7 vitórias; Clube Internacional de Futebol, 6 vitórias; Sport Lisboa e Benfica e Académico Futebol Clube, 4 vitórias; Académico Basquete de Braga, 1 vitória.

Salazar Carreira

Outra chegada discutida; o final dos 100 metros Regionais em 1939. Alves Pereira, ou Mira Barrosos

Stadium na província



Este Grupo Desportivo de Beira Mar, é de Setúbal. Obteve o 2.º lugar no campeonato dos clubes modestos, e apresenta-se assim formado: Mário Coelho, Feliciano Pereira, João Belas, Joaquim Pereira e João Venâncio; no segundo plano—António Nogueira, Firmino Duarte, João, Eduardo Game, João Constantino Vergílio Pereira e o maçoagista Avelino de Almeida

O DESPORTO EM ÁFRICA

Equipa de ciclistas do SPORT LISBOA E BEIRA, da cidade da Beira, na África Oriental Portuguesa, com os troféus que conquistou na época de 1945



Da esquerda para a direita.—FERNANDO SIMÕES, grande entusiasta do ciclismo e presidente de juri de diversas provas, JOAQUIM GOMES VAINA, AMADEU LOPES, campeão de fundo e velocidade da província de Manica e Sofala, da categoria de fortes, ADRIANO PEGO, campeão de fundo na categoria de fracos, Edmundo João Carrelo e Manuel Augusto Ferreira, treinador da equipa e orientador técnico



O 1.º grupo do Desportivo de Renhados, que ainda recentemente ganhou por 3-1 ao G. D. Penedono:—Abel, Francisco, Gualdino, Raul, Oliveira, Octávio, Benjamins, Moura, Eurico, Marcelo e Raposo

Vários campeonatos regionais

Não se concluíram ainda todos os campeonatos regionais de futebol. Em Beja, Leiria, Santarém, Vila Real e Leiria, por exemplo, luta-se pela posse do título e também pela entrada no campeonato nacional da 2.ª Divisão.

Disputam-se igualmente campeonatos da 2.ª Divisão. No Porto, este torneio é movimentadíssimo. Concorrem clubes da cidade, de Gola, Rio Tinto, Paredes, Penafiel, Póvoa de Varzim, Aves...

Nos distritos de Aveiro, Braga, Santarém não falam bons grupos e jogadores entusiasmados.

Vejam os agora as últimas classificações nos torneios regionais ainda em curso:

Beja		Viseu	
J.	P.	J.	P.
União.....	7 17	S. L. Viseu..	3 9
Moura.....	7 19	Acad. Viseu.	3 7
Luso.....	6 10	D. Tonela..	3 6
Piense.....	5 8	Sp. Lamego..	3 3
Despertar...	5 6		

Leiria-Norte		Leiria-Sul	
J.	P.	J.	P.
Alcobaça..	12 33	Bombarral..	10 25
Nazarenos.	12 33	Torreense..	9 25
Império...	12 26	Peniche....	10 25
Maceira...	12 24	Marítimo...	11 19
Atlético...	12 24	Caldas F. C.	10 18
L. Marinha.	12 20	Sp. Caldas..	10 13
Marrozes...	12 19	Juventude..	10 12
Pombal....	12 12		

Santarém		Vila Real	
J.	P.	J.	P.
Leões.....	9 20	Sport.....	9 27
Alhandra...	7 19	Fieviense...	9 19
Oper. Vil...	9 18	Fievia.....	8 17
Ferrovitário..	7 17	Operário....	8 14
União Oper..	9 15	Régua *...	7 14
Mineiros....	9 10	Juventude...	8 8

Luta-se ainda em vários pontos da província com vista ao primeiro lugar. Em Vila Real, o Sport Clube já conquistou o título, obtendo 27 pontos em 9 jogos — o máximo. Por Viseu, na zona final, segue à frente o S. L. V., com o rival (Académico) à ilharga. Depois — Tondela e Lamego.

O Bombarralense, que recebeu excelentes reforços esta época, está bem colocado em Leiria-Sul, estando empatados o Alcobaça e o Nazarenos em Leiria-Norte. A propósito: — quando aparece na própria sede do distrito um bom clube desportivo?

Procura um clube de Santarém ganhar o título regional. É forte, entretanto, a oposição dos adversários de Vila Franca e do Entrancamento. A equipa do Leões terá de acoutelear-se...

Assinem a STADIUM



O Futebol Clube de Vidago, constituído por Secundino, Abel, Augusto, Arlindo, António, Ledo, Mário, Seixas, Andorinha, Domingos, Cândido, Alberto Carvalho e Alcino

A primeira vitória do **BENFICA** no Campeonato Nacional



Em Guimarães — A característica energia de Francisco Ferreira, um dos jogadores mais correctos, leais e valentes que pisam os terrenos portugueses da bola!



Em Guimarães — Artur Teixeira e Francisco Ferreira acorrem em auxilio de Martins, que voltou a alinhar no grupo de honra do Benfica. Joaquim Teixeira carrega, na sua maneira decidida!



Vitória de Guimarães-Benfica — Julio, agilmente, num pulo acaba de rematar de cabeça. Quatro homens de Guimarães dão-se à defesa, enquanto o keeper aguarda os acontecimentos.



Teixeira, antigo jogador do Benfica, vai rematar tendo à ilharga um adversário. Cautela!

O BOAVISTA resistiu em OLHÃO!



Olhanense-Boavista — Em Olhão, o grupo local atacou durante muito tempo, mas a defesa portuense, á base do entusiasmo, comportou-se magnificamente!

Meia centena de títulos

Quando a equipa do F. C. P. regressou de Lisboa, onde ganhou justamente ao Belenenses, segundo a crítica, tivemos ocasião de conversar alguns momentos com o treinador Szabo.

Este profissional, homem que procura ganhar o mais honestamente possível o seu ordenado, pois trabalha sempre com entusiasmo, não se escusou ao «sacrifício» de nos dar a sua opinião sobre o resultado das Salésias, denunciando bem a sua satisfação — embora comedidamente.

Szabo julga que é cedo, muito cedo, para apreciar a equipa e de a envolver com palavras «muito sérias». Diz que entram no grupo de honra 3 rapazes novos, adaptados até a lugares e láticas que não lhes eram habituais (Carvalho, Sanfins e Joaquim) e por isso lhe parece mais próprio aguardar uns tempos.

— Esperanças? — Eu continuo a trabalhar metódicamente. O grupo precisa de contacto, e confesso que o sorteio não nos favoreceu neste ponto: — logo de entrada — Benfica, Belenenses, Estoril (vencedor do Benfica) e Sporting, é um pouco «duro» após um campeonato regional débil e onde nem era necessário vencer!

— A propósito: — mais dois títulos...

— É verdade. E conto-lhe uma coisa interessante: — Com os campeonatos de 1.ª e 2.ª «reservas» consegui ganhar meia centena! Parece que isto serve para alegrar um pouco a minha vida de treinador, pelo menos sempre dedicado.

— Acusam-no de má educação...

— Eu às vezes zango-me, é verdade. Mas acredite numa coisa: — procuro cumprir, ganhar os meus jogos, e os nervos nem sempre resistem a contradições. No fundo, mesmo depois de me expressar «à minha maneira», não fico a querer mal a ninguém. É uma questão de momento, compreende?

— Sobre os jogadores...

— Olhe: lembra-se de quando eu perseguia o Artur Sousa, por exemplo, até de noite, para lhe evitar perda de possibilidades físicas? Às vezes, o grande jogador português não gostava, arrepiava-se todo... No entanto, no meu papel, sempre vigilante da forma dos jogadores, cumpriria com o meu dever. Os outros, alguns dirigentes, é que não cumpriam, oferecendo-lhe «isto e aquilo». Quanto lamento, por exemplo, a morte desse magní-

fico Acácio Mesquita, desviado para vida imprópria! Pois sou sincero amigo de Artur, como de todos que nem sempre gostam da minha «maldade». «Pinga» reconhece-o.

«O meu propósito deve ser o deles: fazer bem e... ganhar os jogos. Posso zangar-me, é certo, mas porquê?»

— Voltando ao jogo de Lisboa: — que lhe parece o resultado?

— Ganhámos bem. Os 2 pontos são preciosos, mas ainda há muito que fazer. Nada de tonluras e de falsos pensamentos, não acha? Tenho muito medo dos jogos que parecem fáceis. É preciso ter «genica», hoje e sempre!

E assim nos deixou Szabo, este profissional de que muitos não gostam. A sua persistência é notável, a sua dedicação inextinguível por outros da mesma estrada. Szabo sabe o que quer e por isso nem um só momento deixa de trabalhar. Vigorosamente, como os atletas. Que o digam os seus 50 campeonatos ganhos...



JOSE SZABO tem sempre o seu cronómetro em «pé de guerra», e funciona cuidadosamente. E nunca está sem o seu livro de apontamentos, fiel depositário das suas impressões sobre o jogo e os jogadores. Aqui o vemos a olhar para o relógio, mascando o seu churulo de pouco dinheiro... Szabo é um treinador!

Mosaicos nortenhos...

ORLANDO SOUSA, que desempenha as funções de secretário geral do A. F. do Porto, como representante do Boavista, é sem dúvida dos desportistas mais apurados e sérios da nossa terra. Incapez de uma deslealdade.

Não nos custa por isso afirmar que até os próprios clubes adversários do seu o admiram e confiam na sua independência, voltando nele sem relutância. Orlando de Sousa continuará a ser considerado, sejam quais forem os incidentes que se levantem à sua volta, — incidentes que resultem muitas vezes de um ou outro mal entendido sem grande importância.

É tudo uma questão de ler seriedade na altura própria. E não queremos dizer com isto que ele falte, evidentemente, aos opositores do secretário geral do A. F. do Porto. Afirmamos única e simplesmente que conhecemos o seu carácter brloso e correcto, sempre pronto a cumprir com as suas obrigações.

♦ SEGUNDO se leu na imprensa da Capital, o médio centro do F. C. do Porto, Romão, jogou habilmente no Estádio das Salésias. Folgamos com isso. E porquê? Este jogador do F. C. do Porto não tem sido bem apreciado, nos jogos aqui efectuados, e tememos sempre que as suas boas qualidades fossem por água abaixo...

Perguntámos a alguém que jul-

ver o jogo como apreciara o seu trabalho. Disse-nos:

— Romão foi no campo do Belenenses um dos melhores jogadores do F. C. do Porto e eis tudo.

Quer isto dizer que o rapaz de Lamas, para triunfar, tem de exibir-se em Lisboa? Não. O médio centro do F. C. do Porto tem qualidades para vencer nos seus próprios campos. Deve fazer por isto.

♦ FALA-SE no Ingresso de Nónio, simpático Internacional de atletismo, no F. C. do Porto. Dever-se-á este facto à sua fixação na capital do Norte, e fim de estudar numa das faculdades.

Alguém do clube portuense, a quem interrogámos, disse-nos sobre o assunto o seguinte:

— Manuel Nónio, quando estivemos em Lisboa nos campeonatos nacionais de atletismo, disse-nos que se tivesse de estudar nesta cidade — procuraria o F. C. do Porto. Garantiu-nos, mesmo, que era grande a sua simpatia pela nossa colectividade. Escuso de afirmar-lhe que Manuel Nónio é um desportista. O F. C. do Porto sente-se honrado com a sua preferência.

— Isto é definitivo?

— Não sei, claro. De resto, Manuel Nónio fala apenas um estêglo. Nós, como sabe, estamos nas melhores relações com o Sporting. Voltaria, evidentemente.

A propósito do último jogo Porto-Benfica, recentemente disputado no Lima, correu já muita tinta nos mais variados órgãos da imprensa — e, francamente, não encontramos motivo para tanto barulho e tanta entrevista. Lemos, mesmo, em certo jornal, uma série de opiniões maldosas e nitidamente parciais, por certo animadas pelo desejo de separar os dois populares clubes portugueses, como se ambos não estivessem já desvincidos por um corte de relações que se mantém desde há anos.

Não compreendemos muito bem os motivos por que se escreve com tanta paixão, quase concludentemente, quando todos sabem que na bola surgem por vezes «concoctamentos» que não devem ser espalhados e conduzidos até os espíritos sempre propensos a fantasias.

Todos sabemos que as derrotas são muitas vezes disfarçadas à custa de argumentos algo discutíveis, mas também era lícito supor que a calma viesse igualmente a tempo de impedir os reflexos desastrosos no pensamento e na acção de quantos acreditam sem qualquer esforço em tudo que lhes impingem.

A crítica Independente ou honesta disse do jogo e dos jogadores o que havia para dizer. A mesma crítica, há anos, por exemplo, não deixou de pedir para o correcto Espírito Santo a eliminação de uma pena, visto que certo acto irreflectido não era o suficiente para pôr uma nódoa na sua carreira desportiva. O mesmo teria merecido Rui Cunha, aquele sério avançado centro da Academia de Coimbra.

Podê à primeira vista julgar-se que este escrito corresponde a uma defesa aos actos impanados, mas tal não acontece. O que se pretende é ficar ao menos com os jogadores educados e dignos dentro do terreno.

Conhecemos um jogador que era sempre encarregado de certas missões «especiais» durante a hora e meia do jogo. A principal: — provocar a expulsão do elemento que mais incomodasse pela sua arte e saber. Quando o não fazia a primor, era reprimido ásperamente... por alguns «categorizados» lá do clube.

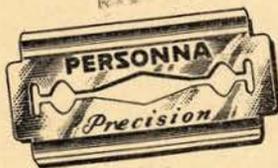
Um dia abandonou a colectividade, o ambiente pernicioso... e os processos. Tornou-se outro. Quando lhe observarem o facto, afirmou:

— Eu sou bom. Mas mandavam-me jogar assim, e como precisava de ganhar a vida, era forçado a «cumprir».

Claro que uns e outros, afinal, se completavam o melhor possível. Por isso nos parece que não deve «ferver-se em pouca água» quando em presença de certos acidentes nada transformáveis em «cavalo de batalha». Entrando deliberadamente nas questões de «parada e resposta», vemos com certeza surgir de lama tantos e tantos casos que mais dirigentes provocaram, e não é essa a função daqueles a quem cumpre encaminhar as massas desportivas, cujo entusiasmo merece bem elementos ponderados nos lugares de comando.



TAL COMO A LÂMINA
PERSONNA



**NO MOMENTO
DE SE BARBEAR**

Porque de facto PERSONNA far-lhe-á uma barba com o esmero de um grande barbeiro. Num instante! Por ser feita com grande precisão e dotada de fio côncavo e flexível, afiada a óleo, assentada no couro e à prova de oxidação... Para maior duração... e grata surpresa dos que a usam.

Distribuidores:
José Antunes d'Oliveira, Herd.^o
Rua dos Fanqueiros, 346-1.^o
Lisboa



Lâminas de Precisão

Stadium
Telefone 45903

Stadium

ANDEBOL

Os jogos de domingo

No domingo passado decidiram-se as meias-finais do torneio em que os clubes de Lisboa se empenharam pela disputa do magnífico troféu oferecido pelo Sr. Dr. Pedro Teotónio Pereira.

Serão o Sporting e o Belenenses os dois grapos entre os quais se decidirá a final da contenda, que, para maior brilhantismo e se o tempo o permitir, será jogada no Estádio Nacional, em preâmbulo do encontro Lisboa-Paris em futebol. A Associação de Futebol de Lisboa acedeu prontamente ao desejo que em tal sentido lhe manifestou a sua congénere do Andebol e bem merece, por isso, o aplauso de todos os apreciadores da modalidade.

Os jogos que serviram para apuramento dos finalistas tiveram aspectos diferentes.

No campo grande, o Sporting eliminou o Almada, infligindo-lhe a pesada punição de 23-2, uma das mais severas de que há memória, entre grapos de honra, no andebol lisbonense.

Os leões deram prova de excepcional poder realizador, contra uma equipa que, afinal, tem obtido esta mesma época, já, resultados favoráveis copiosos contra outros adversários: 17-0 contra o União Piedad e 6-1 contra o Internacional. Mas os factos repetem-se, afinal, pois, no anterior torneio de Abertara, o Almada também foi arredado pelo Sporting, no mesmo campo e por 19-3; será mais dos, agora em moda, complexos de inferioridade?

No outro jogo, nas Salésias, o Belenenses encontrou mais resistência no Oriental, de quem veio a desembaraçar-se por 5-3, com 2-1 no primeiro tempo. O encontro foi muito prejudicado pela chuva que caiu torrencialmente durante um quarto de hora da segunda parte e tornou difícil o maneo da bola e os movimentos dos jogadores sobre o terreno escorregadio.

O Oriental prejudicou-se pela acção demasiado personalista dos seus avançados, que muita vez preferiram, dentro da área de remate, descair para o extremo, afastando-se mais da posição favorável, a entregar a bola ao companheiro melhor colocado para agir.

Também os atacantes belenenses pecaram por atraso no lançamento à baliza, teimando em bater a bola ao solo quando a recebiam em condições indicadas de remate imediato.

O jogo foi disputado com energia e correcção, mas não passou da mediocridade na classe das exhibições.

Na equipa sportingista alinhou pela última vez o jogador Guilherme Correia César, que partia ontem para os Estados Unidos. Elemento de realce entre os praticantes da modalidade, Correia César, várias vezes se-

EM COIMBRA

Futebol — e acrobacia

«Stadium» inseria na última quarta-feira uma fotografia em que se via o avançado-centro do Famalicão num dos seus «característicos» saltos de tesoura, com o corpo em meia lua, voltado para o espaço, tentando «virar» uma bola que um adversário aliviava de cabeça — palando.

Álvoro Pereira executou o mesmo salto uma porção de vezes, no meio de um cacho de jogadores — e o árbitro não assinalou, sequer, uma única vez, — jogo perigoso.

Quer dizer: o próprio juiz de campo se deixou empolgar pelo efeito da jogada, espectacular, destemida, heróica, e por isso

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

Custo por número, . . .	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » » » » »	65\$00
12 » » » » »	130\$00

mesmo dramática, mas que ultrapassa tudo quanto se pode levar para o futebol — de atlético e acrobático.

Neste capítulo, o jogo da bola não pode transcender as suas leis naturais, das quais os árbitros têm de ser — frios e inexoráveis fiscalizadores.

Szabo

E' possível que em Lisboa, nos jogos contra as grandes equipas da capital, a classe de Szabo não dê tanto nas vistas... A própria equipa não é indiferente ao ambiente desses jogos e isto, claramente, influi no seu rendimento global. Mas na provincia, em cenário mais ou menos igual ao que o Famalicão encontra na sua terra, contra equipas mais aproximadas do seu valor — pode dar-se muito melhor pelo que ele fez e pelo que fazem os jogadores do Famalicão. E daí os restos da classe de Szabo podem ainda evidenciar-se.

Na arte de captar e entregar a bola, este húngaro, apesar do peso e da idade, continua primoroso. E agora que o Famalicão, à força dos seus jogadores verem Szabo captar e entregar

leccionado para a equipa representativa da Associação nos jogos contra Madrid e contra o Porto, deixa gerais simpatias entre colegas e adversários, conquistados pela sua lealdade em todas as circunstâncias, pelo seu desportivismo e pelo seu entusiasmo.

Interpretando o sentimento de todos os andebolistas portugueses, não hesitamos em desejar-lhe feliz estadia além-Atlântico, na certeza de que deixa, no meio lisbonense, saudades e amizades que o esperam para continuar como dirigente a sua obra de jogador.

José de Eça

a bola primorosamente, se movimenta com uma ligeireza que acaba por destruir, pela fadiga, os grapos que não lhe opõem a necessária «resistência» táctica, o húngaro parece ter remoçado.

Há tempos, nam jornaço do Norte, alvitrámos que a Federação contratasse este homem no sentido de ele fazer estágios nas várias associações regionais — junto das equipas de juniores.

Os treinadores, certamente, não se melindrariam. E a «Stadium» não negará o apoio a esse alvitre.

Eduardo Santos

Os jogos do campeonato regional tinham revelado o angolano Eduardo Santos como excelente médio de ataque. Simplesmente havia que esperar o momento de o ver actuar contra equipas mais rápidas.

O desafio com o União já dera, de certa maneira, uma indicação.

Aguardávamos, no entanto, o primeiro encontro do Nacional. Realizou-se esse desafio e a certeza de que Eduardo Santos é magnífico jogador está radicada em nós.

Notámos-lhe exactamente, nos dois últimos jogos, certa tendência para levantar a bola. Há que corrigi-lo quanto a essa tendência, que, aliás, não deverá ser senão consequência do natural enervamento de um jogador habituado a um futebol bastante mais lento.

Clube em festa

Para solenizar a entrega das insígnias de cavaleiro da Ordem da Benemerência, com que o Clube de Futebol União de Coimbra foi agraciado, realiza-se no dia 14 uma sessão solene a que presidirá o Director Geral dos Desportos. No dia seguinte o União defrontará o Sporting Clube de Braga, que retribui assim a visita feita no dia 1 pela equipa coimbrã.

Um interregno

O campeonato regional acabou no dia 17 de Novembro. Como o Nacional da II Divisão só deverá começar em 12 de Janeiro — os clubes locais que concorrem ao Nacional estarão sete domingos sem jogos. Havemos de concordar que é um interregno demasadamente longo...

Todas estas datas podiam ser aproveitadas para jogos particulares. O União assim fez. Tem categoria e público.

Os outros, mais modestos, não podem, evidentemente, lançar as vistas para tão alto.

Há regiões que podiam estabelecer com esses clubes um intercâmbio benéfico para uns e outros. Os clubes dos distritos de Viseu e Guarda, por exemplo, teriam conveniência em promover jogos com os de Coimbra.

Mas esses clubes lutam com falta de campos susceptíveis de proporcionar receitas. A maioria deles não tem vedação.

Como podem fazer receitas?

Adriano Peixoto



Porto-Estoril — Os portuesenses, ao ataque, são decididos. Correia Dias, no meio de dois adversários, salta. Mas os lisboetas sabem defender-se!

PORTO vence ESTORIL no último momento!



Famalicão-Elvas — O guardaredeiros Sansão mergulha aos pés de Patalino, sob a protecção de um defesa



Em Famalicão — Samedo, do Elvas, ao defender-se de um ataque de Famalicão

FAMALICÃO derrota ELVAS



No Estádio do Lima — A' volta do guardaredeiros do Estoril juntam-se muitos jogadores. Sebastião, no entanto, já não largará a bola!



No Estádio do Lima — Ainda Correia Dias não se livrou de um adversário e já outro lhe surge pela frente. Não se pode atacar!

SANJOANENSE perde em casa...



Em São João da Madeira — Os sanjoanenses também atacavam algumas vezes, como se vê neste lance junto das redes do Vitória de Setúbal